

revista portuguesa de arqueologia

vol. **16**
2013

Índice

- 05–26 **Teorías y métodos de la arqueología cognitiva**
Ángel Rivera Arrizabalaga
- 27–61 **O sítio do Neolítico Antigo de Cortiçóis (Almeirim, Santarém)**
João Luís Cardoso, António Faustino Carvalho & Juan Francisco Gibaja Bao
- 63–79 **Perscrutando espólios antigos: a anta de Sobreira 1 (Elvas)**
Rui Boaventura, Maria Teresa Ferreira & Ana Maria Silva
- 81–101 **Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal**
Rui Boaventura & Rui Mataloto
- 103–131 **Zambujal (Torres Vedras, Lisboa): relatório sobre as escavações de 2002**
Michael Kunst, Elena Morán & Rui Parreira
- 133–135 **Magnetic prospecting at Zambujal in 2001: a test for archaeological prospection**
Helmut Becker
- 137–141 **Some notes on a small collection of faunal remains from Zambujal**
Simon Davis
- 143–147 **Datações ¹⁴C do Casal do Zambujal**
Jochen Görtsdorf
- 149–165 **A Idade do Ferro no concelho da Amadora**
Elisa de Sousa
- 167–185 **Ocupação sidérica na área envolvente do teatro romano de Lisboa: o Pátio do Aljube**
Lídia Fernandes, João Pimenta, Marco Calado & Victor Filipe
- 187–212 **Crónica de onomástica paleo-hispânica (20)**
António Marques de Faria
- 213–226 **A fauna da Idade do Ferro e da Época Romana de Monte Molião (Lagos, Algarve): continuidades e rupturas na dieta alimentar**
Cleia Detry & Ana Margarida Arruda
- 227–242 **La emisión RRC 469 de Cneo Pompeyo hijo**
Luís Amela Valverde
- 243–275 **Uma necrópole na praia:
o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa)**
Jacinta Bugalhão, Ana Margarida Arruda, Elisa de Sousa & Cidália Duarte
- 277–292 **As lucernas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa**
Carolina Grilo
- 293–302 **Apostilas epigráficas – 3**
José d'Encarnação
- 303–321 **Os mausoléis da villa romana de Pisões: a morte no mundo rural romano**
Carlos Pereira, António M. Monge Soares & Rui Monge Soares
- 323–350 **A diarquia sueva: sociedade e poder no regnum dos Quados ocidentais e no Regnum Suevorum (358–585 d.C.)**
José Galazak
- 351–367 **Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística**
Tânia Manuel Casimiro
- 369–381 **Fortificação, espaço conventual, saneamento e circulação na Idade Moderna em Almeida (Guarda): resultados de intervenções arqueológicas**
André Teixeira, Teresa Costa & Luís Serrão Gil
- 383–392 **Os cachimbos cerâmicos do Palácio Marialva**
Marco Calado, João Pimenta, Lídia Fernandes & António Marques

Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa)

*DGPC
**UNIARQ
***DRC-Norte

Jacinta Bugalhão*
Ana Margarida Arruda**
Elisa de Sousa**
Cidália Duarte***

Resumo Trabalhos arqueológicos levados a efeito na 1.ª metade da década de 90 do século passado no NARC, em Lisboa, permitiram identificar uma necrópole de época romana de que se reconheceram oito sepulturas que correspondem a nove indivíduos. Foram identificados dois rituais distintos, a inumação, mais frequente, e a cremação.

Os enterramentos não evidenciavam quaisquer estruturas funerárias de relevo, tendo os restos humanos sido depositados em fossas abertas no terreno. O estudo antropológico revelou uma maioria de crianças (cinco). O espólio associado à necrópole é vasto e diversificado, incorporando cerâmica de mesa (*terra sigillata*, paredes finas), mas também de uso comum, unguentários, lucernas, ânforas, e ainda vidros e objectos de adorno (um anel). Alguns escassos metais correspondem a pregos e tachas. As tipologias onde a grande maioria dos materiais se insere permitem defender a utilização do espaço funerário sobretudo entre os reinados de Augusto e de Cláudio, ainda que alguns espólios indiquem que a necrópole se iniciou nos finais da República.

Abstract The archaeological fieldwork that took place in the early 1990s in NARC (Lisbon), allowed the identification of a Roman burial site, with 8 identified graves and the remains of 9 individuals.

We were able to recognize the use of two distinct types of funerary practises (inhumation and cremation). These burials did not exhibit significant funerary structures and the human remains were mainly deposited in pits excavated in the ground. The anthropological study revealed that most of the individuals were children (five). The objects associated with the necropolis are diversified, incorporating fine ware (*terra sigillata*, thin walled pottery), but also common ware, unguentaria, lamps, amphorae, and even glass vases and adornments (a ring). Some rare metals have also been identified as nails and tacks. The typological classification of the majority of the artifacts indicates a use of this funerary area during the reigns of Augustus and Claudius, although some materials can indicate that the initial use of this necropolis took place during the late Republican Period.

1. Introdução

As escavações realizadas, entre 1991 e 1995, na Rua dos Correeiros e Rua Augusta (Lisboa), em instalações do Banco Comercial Português, por uma equipa do então IPPC/PPAR, no sítio inicialmente conhecido por BCP/Lisboa e actualmente designado por Núcleo Arqueológico da Rua Correeiros (NARC) evidenciaram muitos vestígios referentes à longa ocupação humana da “baixa pombalina”, e muito concretamente, deste espaço específico. Dessa prolongada e contínua ocupação parece quase obrigatório destacar a de época romana, sobretudo a que está plasmada no complexo industrial destinado à preparação de conservas de peixe que aí funcionou entre o século I e, pelo menos, o V (Bugalhão, 2001). O destaque justifica-se pelo bom estado de conservação das estruturas postas a descoberto pelos trabalhos de campo, o qual tornou possível a valorização e musealização deste espaço, que, contudo, deixaram também à vista as habitações da Idade do Ferro. Quanto a esta última, datada do século V a.C. (Sousa, 2011), deve referir-se a sua descontinuidade relativamente à Época Romana, cujo início, neste local, se concretiza com a utilização deste espaço como necrópole.

Dos espaços funerários de *Olisipo*, o mais conhecido é, sem margem para dúvidas, o da Praça da Figueira, ainda que uma boa parte dos dados aí recuperados permaneça inédita. De facto, dos resultados das escavações e dos “acompanhamentos” que tiveram lugar aquando dos trabalhos de instalação da rede do metropolitano de Lisboa, nos anos 60 do século passado, levados a efeito por Irisalva Moita, primeiro, e por Fernando Bandeira Ferreira, depois, pouco sabemos, tendo sido publicados apenas os que resultaram dos primeiros, e, mesmo assim, de forma consideravelmente incompleta (Moita, 1968). As escavações que decorreram entre 1999 e 2001 e, sobretudo, a divulgação de alguns elementos que delas resultaram vieram, contudo, colmatar a escassez da informação disponível (Silva, 2005). Esta necrópole, conhecida agora por “Necrópole Noroeste de *Olisipo*”, estruturava-se em função

da via norte e era consideravelmente extensa, ainda que se desconheça os seus limites exactos. Mas tudo indica que as sepulturas encontradas na base da Encosta de Santana (Silva, 2005, p. 32; Gonçalves & alii, 2010, p. 126), Calçada do Garcia e Largo de São Domingos (Silva, 1998, p. 55) faziam ainda parte do espaço sepulcral escavado na Praça da Figueira, onde a monumentalização da morte foi acentuada, estando plasmada num conjunto de edifícios complexos (Silva, 1998, pp. 44–50). O início da utilização desta área como necrópole foi datado, através do estudo exaustivo de diversos conjuntos de materiais arqueológicos (*terra sigillata*, lucernas), dos meados do século I, mais exactamente do Principado de Nero (Vieira, 2011; Bolila, 2011). Por outro lado, importa ainda recordar que o ritual funerário privilegiou a cremação, que, até ao século II, é exclusiva, momento em que as inumações surgem, ainda que só se vulgarizem e venham a predominar na centúria seguinte (Vieira, 2011; Bolila, 2011).

2. A necrópole do NARC: localização, ritos e estruturas

Sabemos que foi ainda durante a Idade do Ferro, muito possivelmente a partir do século IV a.C., que se formou uma espessa camada arenosa, que cobriu, por completo, os níveis sidéricos (Bugalhão, 2001). Este facto, que poderá ser explicado pelo arrastamento eólico de sedimentos arenosos de praia que aqui se depositaram, indica o abandono deste local até aos últimos decénios do século I a.C. E foi nessas areias que se abriram as fossas destinadas a receber as inumações (oito) e a urna que continha os restos cremados e foi sobre elas que decorreram as cremações, como atestam os contextos de cinzas escavados, um dos quais certamente correspondente a um *ustrinum* (Fig. 1).

Este nível de areia, uma camada aparentemente natural, cuja formação decorreu num período de duração indeterminada (presumivelmente, entre os séculos IV e I a.C.), pode ter incorporado materiais arqueológicos dispersos

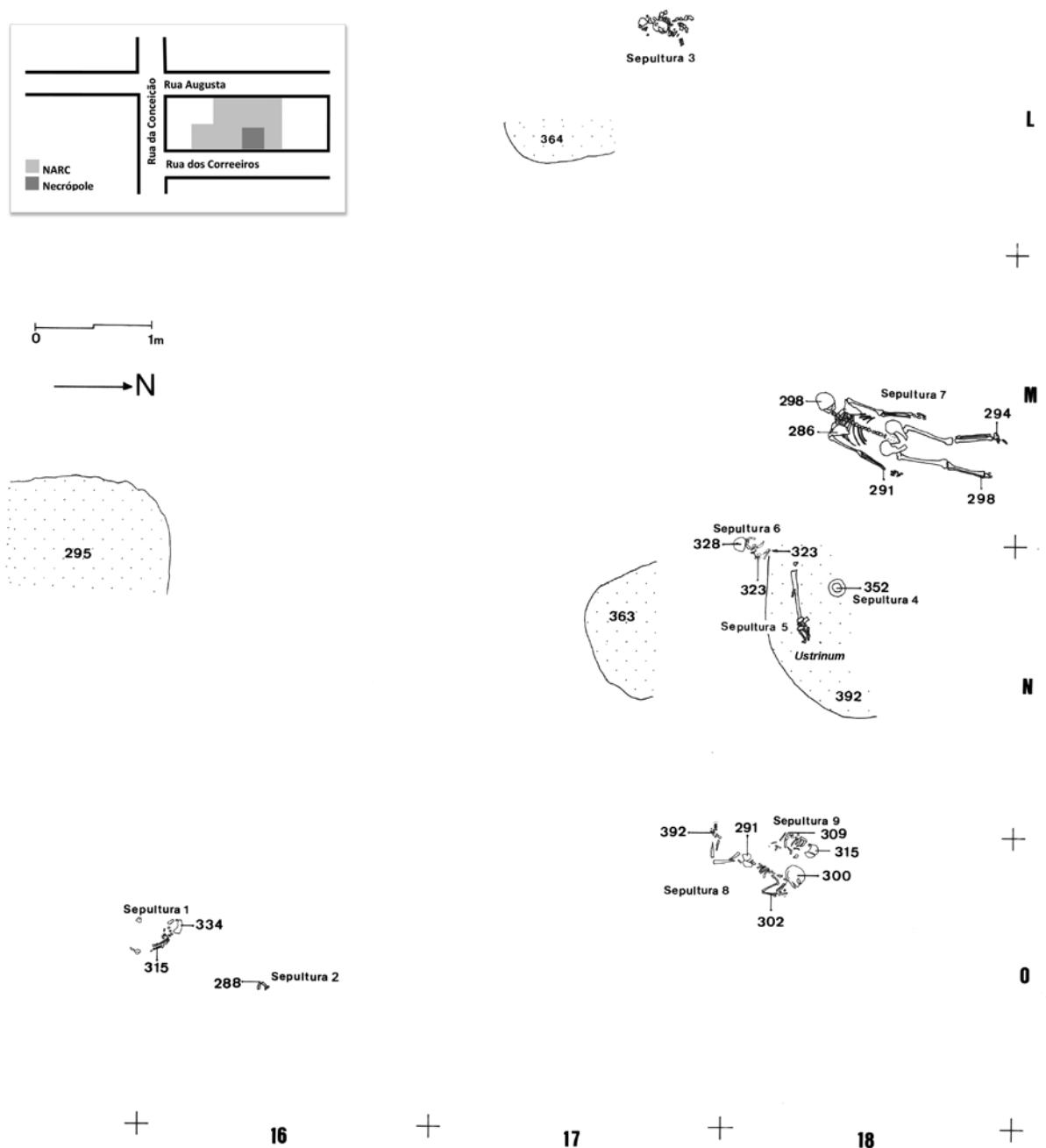


Fig. 1 – Necrópole romana do NARC: localização e planta.

e não contextualizados. Sobre este estrato, foram efectuadas cremações e inumações em fossa, correspondentes à fase de ocupação do espaço como necrópole. Saliente-se ainda que, em alguns casos, estas fossas atingiram os níveis de ocupação da Idade do Ferro, provocando a sua perturbação e consequente incorporação de espólios de cronologias diversas. Por outro lado, verifica-se alguma contaminação nas interfaces deste nível de praia, pelos estratos

que lhe são anteriores (sidéricos) e posteriores (construção de estruturas industriais de Época Imperial). Por fim, como é natural em contextos urbanos, são frequentes perturbações e intrusões (de todas as épocas), de natureza estratigráfica e estrutural, com impacto sobre este nível de praia. Assim, a análise do conjunto artefactual associado à necrópole em estudo revestiu-se de alguma complexidade, tendo sido necessário recorrer à classificação e

atribuição cronológica de todas as peças e à consequente apreciação de conjunto.

A forma algo incomum como decorreu a escavação do nível de areia da praia no qual se implantava esta necrópole, relacionada de perto com a própria natureza e contingências de uma intervenção urbana, realizada no interior de um edifício em reabilitação, teve considerável influência no seu reconhecimento e registo arqueológico. Apesar de se tratar de uma área relativamente reduzida (cerca de 60 m²), a sua escavação decorreu de forma compartimentada e descontínua no tempo, estendendo-se por um total aproximado de cinco meses. A compartimentação e o faseamento do trabalho de campo relacionaram-se com a disponibilidade física de espaço útil para a intervenção no interior das salas do edifício, uma vez que as suas fundações e a opção de proceder à preservação ou à desmontagem de estruturas arqueológicas de épocas posteriores que se lhe sobrepujam condicionaram a estratégia do trabalho de campo.

A escavação deste contexto, que inicialmente decorreu entre Julho e início de Agosto de 1991, e que foi então considerado estéril (Amaro, Bugalhão & Sabrosa, 1996, p. 207), forneceu, nesta fase, escasso espólio e revelou algumas concentrações de cinzas, naquele momento de atribuição funcional indeterminada. Uma vez que não foi identificada qualquer sepultura, o contexto não foi reconhecido como funerário. A escavação de Março de 1992 não alterou os dados, e consequentemente, a interpretação. Em Janeiro de 1994, num dos alargamentos de área decorrentes da estratégia de escavação integral de todo o espaço disponível para este efeito, foram finalmente identificadas as duas primeiras sepulturas. Foi então possível a reinterpretação dos dados anteriormente recolhidos (a escassez de espólio pouco comum em níveis de ocupação urbanos, as concentrações de cinzas, os unguentários) como contexto funerário.

Entre a Primavera e o Verão de 1994, já em fase de obra, toda a área já escavada do NARC foi recoberta de areia, de forma a proteger as estruturas e contextos

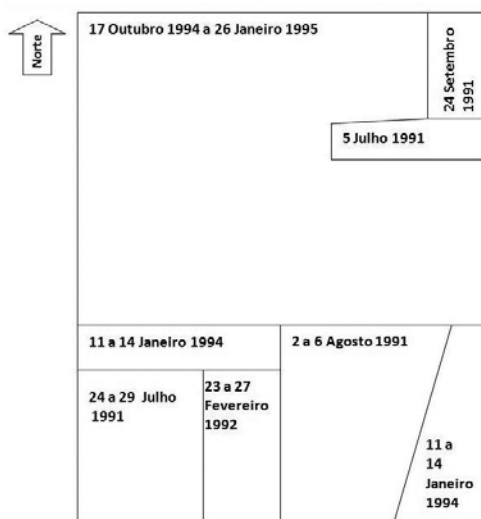


Fig. 2 – Necrópole romana do NARC: faseamento da escavação.

arqueológicos durante a demolição integral das estruturas interiores dos edifícios pombalinos. Em Outubro do mesmo ano, e após as demolições referidas e a construção da actual placa do rés-do-chão, foi possível proceder à escavação, “em cave”, dos níveis arqueológicos preservados sob alicerces, vãos de escadas e outras estruturas recentes. Nesta intervenção, entre Outubro de 1994 e Janeiro de 1995, foram finalmente escavados os restantes e mais bem preservados contextos da necrópole, que incluíam a urna funerária, cuja escavação decorreu em laboratório.

Os dados recuperados foram parcialmente divulgados quase de imediato, tendo sido publicado algum espólio no Catálogo do NARC (Amaro, 1995) e concretizada uma apresentação em congresso (Bugalhão & Duarte, 1996). A reunião de esforços das signatárias tornou possível a publicação integral deste importante fragmento de *Olisipo*.

Como já foi referido, a necrópole identificada no NARC foi reconhecida na camada de areias que cobriu as estruturas da Idade do Ferro, tendo sido nela que se abriram as fossas que receberam os enterramentos e a urna que continha os restos da cremação (Bugalhão, 2001). Sabemos que esta necrópole, localizada na área nordeste do NARC (Fig. 1), foi certamente mais extensa. Numa escavação de emergência levada a efeito também na Rua dos Correeiros, a Norte

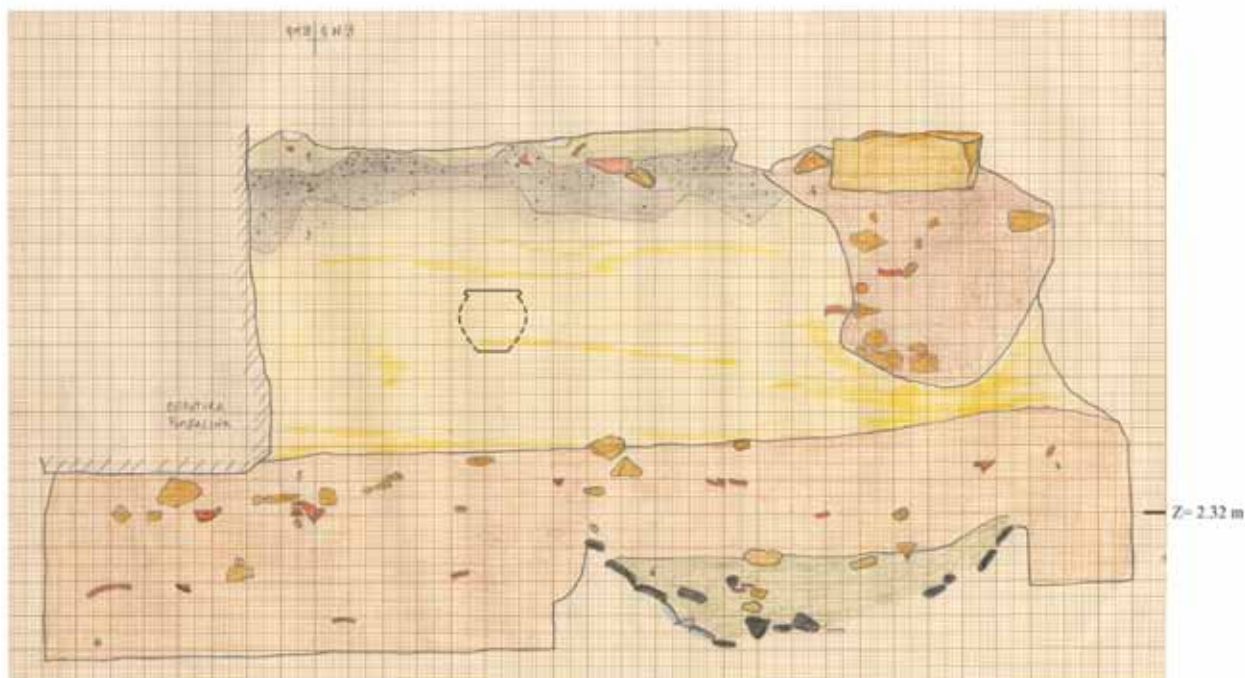


Fig. 3 – Perfil Norte do Sector 3 Este, Q. N18/M18, sendo visíveis o ustrinum, a camada de areia (praia), a urna de cremação (projectada), os níveis sidéricos e respectiva estrutura associada (lareira). Escala 1:10 (no original papel milimétrico).

da intervenção em estudo, foi identificada uma cremação em urna que certamente fazia parte do mesmo espaço sepulcral (Diogo, Fernandes & Silva, 1991; Filipe & Raposo, 1996, pp. 407–409; Silva, 1998, p. 54; Bugalhão, 2001, p. 60; Silva, 2005). Esta cremação em urna, à qual estava associado um unguentário cerâmico (Silva, 2005, p. 44), encontrava-se “protegida” por fragmentos de bojo de ânfora (Silva, 1998, p. 54).

A exacta extensão da necrópole é difícil de determinar, mesmo no perímetro do NARC, já que grande parte da área escavada estava preenchida pelas estruturas de transformação e conserva de peixe, cuja construção certamente implicou a perturbação e/ou destruição de vestígios anteriores. Por outro lado, a opção de conservar e musealizar o complexo industrial de época romana impediu também a sua desmontagem e naturalmente a escavação de níveis arqueológicos que lhes fossem anteriores, ainda subsistentes.

A necrópole, que integra ritos de inumação e de cremação, não possui estruturas funerárias, registando-se, contudo, a cobertura da sepultura 3 com um imbrice (com cerca de 28 cm de largura e comprimento indeterminado)

e com três tijolos de adobe, no caso da sepultura 8.

Os restos humanos foram certamente depositados em fossas especialmente abertas para o efeito na já referida camada de areia, cujas características, contudo, não permitiram que daquelas ficassem testemunhos. A própria urna terá sido também depositada numa depressão, da qual também não restaram indícios.

No que respeita ao ritual de cremação, registou-se a urna 4, a já referida cremação em urna identificada mais a norte na Rua dos Correeiros, e diversas áreas de concentração de cinzas e carvões, de configuração aparentemente subcircular, dispersas essencialmente pela área central e ocidental do espaço funerário intervencionado, interpretadas como prováveis *ustrina*, em vala ou sobre a areia da praia (de referir que estes contextos foram identificados a cotas bastante diferenciadas, com uma diferença relativa máxima de cerca de 1 m). Um destes depósitos, conservado sobre a urna 4 e sobre a Sepultura 5, apresentava uma forte densidade e potência de cinzas e carvões (Fig. 3), espólio e ossos calcinados,

o que foi decisivo na sua interpretação, mais inequívoca, como *ustrinum*.

Relativamente às inumações, aparentemente maioritárias, registaram-se 8 sepulturas, dispersas de forma irregular pelo espaço de intervenção, embora pareça verificar-se e/ou conservar-se uma área de maior concentração de vestígios, constituída pelas sepulturas 4, 5, 7, 8 e 9 (e por dois eventuais *ustrina*). As inumações situavam-se a cotas razoavelmente regulares, entre os 3,34 m e os 2,88 m, aparentemente em níveis tendencialmente inferiores aos vestígios de cremação. As sepulturas não registava orientação regular, verificando-se a posição da cabeça a norte, no caso das inumações 1, 8 e 9; a sul, no caso das 2, 3, 6 e 7; e a poente, na 5. No caso das sepulturas em posição flectida ou fetal, verifica-se que os corpos estão virados para nascente, nas sepulturas 1, 2, 3 e 6; para poente, na 8 e na 9; e para sul, na 5.

Não pode deixar de referir-se, desde já, que na área sul do NARC (Sector 1 NE), a mesma camada de areia, igualmente sobreposta aos contextos da Idade do Ferro, foi escavada, tendo revelado o que parecem ser estruturas de combustão, cujos limites são definidos por ânforas de tipo Haltern 70, de produção lusitana, especialmente cortadas para o efeito (Bugalhão, 2001, p. 33, fig. 17). A relação destas estruturas com a necrópole é difícil de estabelecer, ainda que a sua contemporaneidade seja bastante provável, não só pela posição estratigráfica, como pela cronologia dos materiais recolhidos em ambas as áreas. Em trabalho futuro, serão analisadas, com mais detalhe, estas realidades, conjuntamente com outros espólios provenientes de unidades estratigráficas de idêntica composição e posição topográfica. Adiante-se, contudo, que a presença de cerâmica campaniense de tipo A e B calena é significativa, nestes contextos, mas a *terra sigillata*, itálica e mesmo sudgálica faz também parte dos seus conteúdos. Estes materiais atestam uma utilização do espaço entre 50 a.C. e 50 d.C., à semelhança, como se verá, da área da necrópole.

Não menos importante é o facto de, a Sul



desta área, ter sido identificado o troço de uma via da Época Romana.

Fig. 4 – Sepultura 1.

3. A antropologia

Na necrópole do NARC foram recuperados restos parciais de nove indivíduos, cinco crianças (duas das quais recém-nascidas), um jovem e três adultos.

A sepultura 1 corresponde a uma criança, cujos ossos se encontravam extremamente fragmentados, não se tendo identificado qualquer vestígio de uma estrutura tumular. O número de ossadas representado neste esqueleto é escasso, mas o facto de a porção do esqueleto que foi levantada ter sido encontrada *in situ*, em conexão anatómica, leva a supor que a ausência da parte infracraniana se deve a uma perturbação pós-deposicional, relacionada com um interface negativo de construções posteriores.

A análise dos elementos ósseos representados sugere uma idade entre os 2 e os 6 anos, indicada pelos centros de ossificação do esqueleto. Contudo, o nível de desenvolvimento dos dentes decíduais e permanentes presentes nos maxilares superiores e inferiores fornece dados mais concretos e aponta para uma idade entre os 2 e os 4 anos de idade. Não foi detectado qualquer indício patológico que pudesse indicar uma causa provável de morte. Também no caso do indivíduo 2 não foi possível identificar vestígios que sugerissem a existência de uma estrutura tumular. O número de ossos



Fig. 5 – Sepultura 3.

representados é mais reduzido comparando com o caso anterior, estando presentes somente a zona pélvica e os membros inferiores, para além de quatro falanges da mão. Os dados recolhidos durante o levantamento do esqueleto revelaram, contudo, que se deveria tratar de um corpo depositado em posição flectida, que terá sido perturbado após o enterramento, por alterações posteriores à utilização da necrópole. As dimensões dos ossos longos (fémures e tíbia), em conjunto com o nível de desenvolvimento dos centros primários de ossificação, sugerem que se tratava de um feto, com cerca de 34 semanas (Scheuer & Black, 2000). Este diagnóstico levanta a hipótese de se tratar de um nado-morto ou de uma criança que pouco deve ter resistido após o nascimento.

Tal como ocorreu no caso anterior, não foi identificado qualquer processo patológico que pudesse estar envolvido em causa de morte.

A sepultura 3 encontrava-se coberta por um *imbrice*. Deste indivíduo recuperaram-se apenas uma porção do crânio e da metade superior do esqueleto. Representa uma criança com cerca de 8 anos (\pm 24 meses), idade indicada quer pelo grau de desenvolvimento dos dentes, visível nos fragmentos de maxilares (oclusão dos primeiros molares e desenvolvimento de $\frac{1}{4}$ da raiz dos segundos molares).

O esqueleto estava bastante fragmentado e encontrava-se ligeiramente inclinado para norte (entre o crânio e o esqueleto infracraniano existia um desnível de 24 cm para norte). Foi precisamente a extremidade norte que sofreu uma perturbação pós-deposicional, que terá justificado o desaparecimento dos membros inferiores e zona pélvica, bem como dos ossos de uma das mãos.

Devido à fragmentação dos ossos e às perturbações da zona envolvente, não foi possível identificar, com grande grau de precisão, o posicionamento original do indivíduo. Contudo, foi possível reconhecer, com clareza, que o crânio se encontrava um pouco elevado em relação ao resto do corpo, mas muito fragmentado, com fracturas antigas inerentes provavelmente a processos tafonómicos naturais de decomposição. A face do indivíduo estava voltada para oeste, exibindo uma ligeira torção do corpo nesta direcção, e para baixo, de modo que as vértebras mostravam os processos espinhosos voltados para cima.

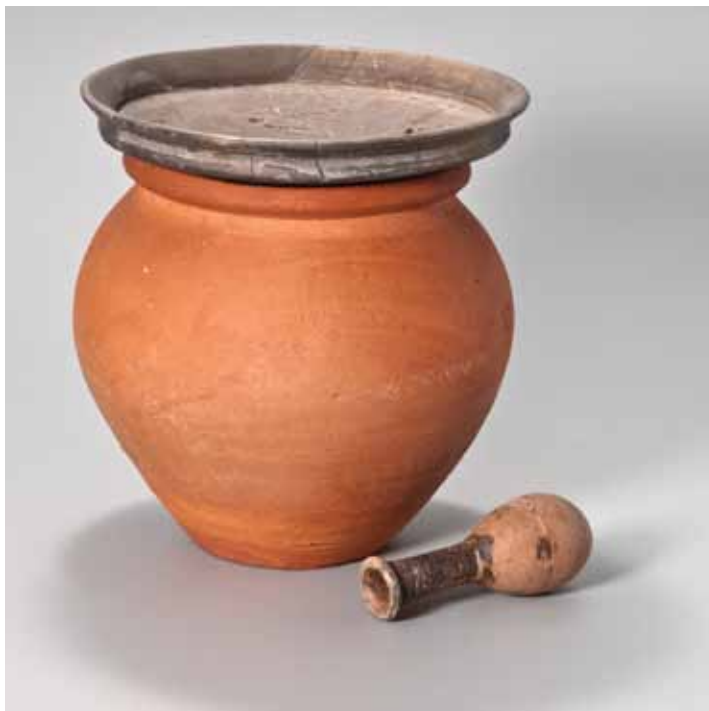
A escavação deste esqueleto foi efectuada por níveis sucessivos, dada a posição do indivíduo não ser muito comum. No nível superior, a sul, encontravam-se os ossos do lado direito do crânio. Por baixo destes, recuperaram-se os ossos cranianos do lado esquerdo, sendo evidente que este se encontrava completamente fracturado. Sob os fragmentos de crânio, estavam a clavícula direita e um fragmento de omoplata direita, juntamente com costelas e vértebras cervicais. A zona inferior da coluna cervical, e parte da zona superior da coluna dorsal, mostravam ainda conexão anatómica,

que se perdia na zona lombar, possivelmente devido à perturbação posterior provocada pela construção de um muro adjacente. Através da análise da distribuição dos ossos aquando a sua escavação, tornou-se evidente que a posição do corpo seria ligeiramente flectida, com a coluna vertebral curvada para oeste, e ligeiramente contorcida. Os membros superiores estavam igualmente dobrados, mas o grau de flexão não era claro, dada a distribuição dos ossos ter sido perturbada *post mortem*.

O indivíduo 4 corresponde à única cremação identificada. Estava depositado numa urna cinerária, colocada no nível de areia que, pelas suas condições excelentes de preservação, permitiu recuperar todo o espólio que continha no seu interior (Fig. 3). Optou-se, neste caso, por esvaziar o conteúdo da urna em laboratório, e de uma forma sistemática, por camadas sucessivas, o que permitiria elucidar a ordem de colocação dos diversos elementos dentro da urna, aquando do seu enchimento.

A urna continha no interior, junto à parede (camada superior), fragmentos da tampa e um unguentário intacto. Para além deste espólio, foram recuperados inúmeros fragmentos de osso, todos tendo sofrido a acção do fogo, mas sendo alguns ainda passíveis de identificação. A coloração branca da maioria dos ossos indica que estes foram sujeitos a alta temperatura, diagnóstico que é confirmado pelas dimensões reduzidas dos fragmentos. Apesar de a temperatura a que o corpo foi sujeito no processo de cremação ter sido provavelmente bastante elevada, foi possível identificar ossos do pé e da mão que ainda apresentavam a sua forma original, e que indicavam estarmos na presença de um adulto, dado que as extremidades destes se encontravam epifisadas. Felizmente, foi poupada na cremação uma pequena porção do osso frontal do crânio, na zona correspondente à intersecção das arcadas supraciliares (glabella), zona que se revela de grande importância para a identificação do sexo. Neste caso, as características bastante convexas da protuberância sugerem que se trata de um indivíduo do sexo masculino, apesar de não existirem quaisquer outros elementos que confirmem este diagnóstico.

A observação cuidada da sequência dos ossos



no interior da urna, em camadas sucessivas, permitiu concluir que os fragmentos maiores se concentravam junto da base, estando os elementos pequenos mais próximos da superfície. O posicionamento dos ossos relativamente à sua dimensão sugere que, após a cremação, os elementos ósseos foram colocados manualmente no fundo do recipiente, seguidos do unguentário, sendo os pequenos pedaços e as cinzas colocados, por último, dentro da urna. Finalmente, a tampa foi posta no recipiente, e, posteriormente, todo o conjunto foi enterrado (Fig. 19). O facto de nenhum dos elementos ósseos identificáveis se encontrar

Fig. 6 – Escavação da urna de cremação (Sepultura 4) no Museu Nacional de Arqueologia em Novembro de 1994.

Fig. 7 – Conjunto constituído por urna (BCP/Lx 2651), prato com funções de tampa (BCP/Lx 2652) e unguentário originalmente depositado no seu interior (BCP/Lx 2945). Fotografia de José Paulo Ruas.

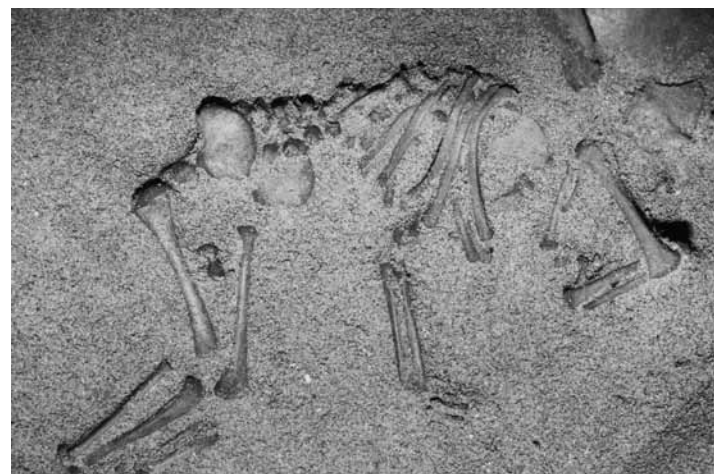
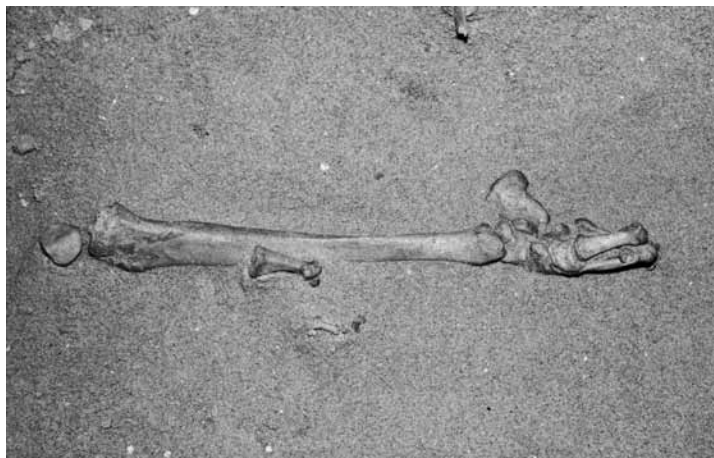


Fig. 8 – Sepultura 5.

Fig. 9 – Sepultura 6.

repetido, sugere que se trata somente de um indivíduo. Trata-se do único caso de cremação identificado na necrópole, embora a quantidade de cinzas encontradas em toda a extensão da necrópole durante os trabalhos de escavação arqueológica sugira que possam ter existido no local outras cremações.

O indivíduo 5 corresponde a uma pequena porção do esqueleto de um adulto. De facto, só foram recuperados os ossos da perna esquerda (tíbia e perónio) e os de ambos os pés. A parte do esqueleto que está ausente deve ter sido removida aquando da construção do muro que se encontrava a oeste, na zona onde estaria a parte superior dos membros inferiores (fémures). Os ossos do pé esquerdo situavam-se ao nível do meio da diáfise da tíbia direita, atravessando a superfície desta. Deste posicionamento dos ossos conclui-se que o indivíduo deveria estar deitado de lado, com a perna esquerda flectida imediatamente

abaixo do joelho, de forma que o pé esquerdo assentava sobre a perna direita. Não foi possível identificar o sexo do indivíduo, dada a reduzida representação de elementos ósseos, sendo evidente, no entanto, que se tratava de um jovem com cerca de 20 anos de idade (Buikstra & Ubelaker, 1994), dado que a fractura parcial da extremidade proximal da tíbia revelou que a soldadura da epífise proximal não estava ainda completa.

É de notar a formação patológica do osso nos locais de inserção do ligamento calcaneocubóideo dorsal. O grau de preservação dos ossos presentes é, contudo, admirável, tendo sido possível recuperar alguns ossos do tarso ainda em conexão. Este facto é indicador das boas condições de preservação do ambiente sedimentar desta necrópole, que foi factor determinante na recolha de vários esqueletos, nomeadamente de crianças, normalmente mais difíceis de preservar nos contextos funerários.

O indivíduo 6 encontrava-se muito bem conservado, sendo clara a posição em que o corpo, que se conservava intacto, foi depositado. Apesar de se tratar do esqueleto de uma criança de tenra idade (provavelmente um nado-morto), o nível de conservação das ossadas é excepcionalmente bom. A presença de dois dos ossos do ouvido direito (de dimensões extremamente reduzidas e habitualmente perdidos em contextos arqueológicos) atesta o excelente grau de conservação deste esqueleto, sobretudo se tivermos em consideração que os ossículos se encontravam ainda no ouvido. Igualmente notável é a conservação das conchas nasais, particularmente frágeis em esqueletos de crianças. O nível de desenvolvimento dos dentes deciduais, bem como o comprimento dos ossos longos, que foi possível medir, sugerem uma idade de 10 meses lunares para este indivíduo (Fazekas & Kosa, 1978; Scheuer & Black, 2000). O cálculo da estatura a partir de quatro dos ossos longos aponta para uma amplitude entre 50 e 52 cm de comprimento total em vida.

Não foi possível identificar a causa de morte deste indivíduo. Contudo, o facto de a sua idade poder ser estimada à volta do 10.º mês lunar leva a supor que a sua morte terá estado

ligada ao parto. A maioria dos ossos longos (clavícula, úmero, cúbito, rádio, fémur, tíbia e perónio) apontam para uma idade sensivelmente inferior ou superior a 10 meses lunares. Igualmente de acordo com esta estimativa estão os valores obtidos para os ossos da bacia (ílio, ísquio e púbis), apontando para o 10.º mês lunar (Fazekas & Kosa, 1978). O sexo do indivíduo não é identificável nesta idade.

O indivíduo 7 é o caso mais intrigante desta necrópole, revestindo-se de uma série de características que o tornam único no conjunto total dos enterramentos presentes neste cemitério. Extremamente invulgar é o seu posicionamento na areia que lhe serviu de sepultura, e a extraordinária preservação da posição relativa dos ossos. Com efeito, o posicionamento relativo dos ossos em conexão anatómica foi mantido durante cerca de dois mil de anos e foram mesmo conservados os espaços ocupados pelos tecidos cartilagíneos das sínfises vertebrais (espaços entre as vértebras). É precisamente por se testemunhar este grau de conservação extremo que se pode afirmar que o invulgar posicionamento do esqueleto no momento da sua descoberta foi mantido desde o momento em que o corpo foi depositado nas areias que o envolviam.

O corpo encontrava-se em extensão, com a superfície dorsal voltada para cima. O posicionamento dos membros e do esqueleto axial, em perfeita extensão, não indica que o corpo tenha sido “lançado para a cova”. De facto, a distribuição paralela dos membros inferiores, a posição anatómica dos membros superiores, o facto de a face se encontrar voltada para baixo, e de os pés se encontrarem em extensão, denota um posicionamento que deve ter sido intencional, no caso deste enterramento. A observação cuidada do esqueleto *in situ* demonstra um estado de conservação bastante invulgar, no qual as distâncias anatómicas entre os ossos foram rigorosamente mantidas. Todas as articulações (joelho, ombro, pulsos) se mantêm na posição original, permitindo a avaliação da estatura com bastante precisão. Trata-se de um indivíduo com cerca de 1,53 m de altura, muito provavelmente de sexo feminino.

Não foi possível observar, através da análise *in situ*, qualquer motivo aparente de morte. O grau de conservação dos ossos, verificado em laboratório, foi radicalmente inferior à conservação perfeita do posicionamento dos ossos nos contextos do enterramento dado a este indivíduo. A textura dos ossos encontrava-se extremamente fragilizada, manifestando-se esta fragilidade mesmo ao nível do seu peso, que é muito reduzido. A falta de consistência dos mesmos refletia-se na superfície cortical muito fina e num osso esponjoso, frágil e quebrável.

A fragilidade do osso esponjoso é comum em ossos que são sujeitos à acção de água e de sedimentos argilosos em contextos pós-deposicionais. Contudo, no caso do indivíduo 7 da necrópole do NARC, podemos afirmar que essa situação não se verificou, dado que os ossos mantinham a sua posição original perfeita, podendo-se afirmar que a acção mecânica das águas não pode ter interferido no seu desgaste. Os dados que possuímos sobre este esqueleto são abundantes e permitem-nos, por isso, identificar com segurança o sexo e a idade aproximada deste indivíduo. Trata-se de uma mulher adulta, de idade avançada (se considerarmos que a esperança de vida na Antiguidade era muito menor do que actualmente).

De acordo com o diagnóstico obtido a partir da zona pélvica, o crânio apresenta características tipicamente femininas: protuberância occipital externa muito pouco desenvolvida, porção mastoideia pouco desenvolvida, rebordos supraorbitários agudos, glabella plana, mento agudo.

Identificado o sexo do esqueleto e dispondo dos ossos que, com mais exactidão, podem fornecer informação sobre a idade do indivíduo (sínfise púbica e superfície auricular do ílio), utilizamos os métodos propostos por Buikstra & Ubelaker (1994) para determinar a sua idade; a sínfise púbica aponta para um adulto de idade avançada (mais de 50 anos), utilizando as tabelas de Todd e Suchey-Brooks (Buikstra & Ubelaker, 1994, pp. 22–24), e a superfície auricular do ílio aponta para um intervalo entre 50 e 59 anos, utilizando o

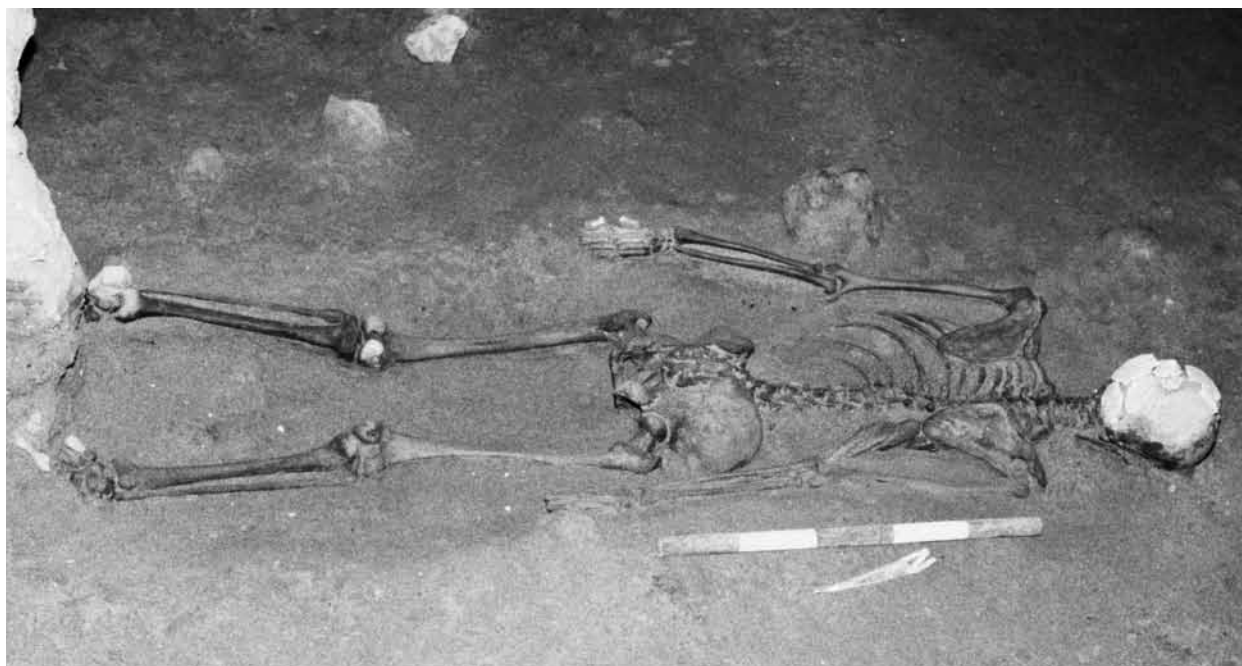


Fig. 10 – Sepultura 7.

método desenvolvido por Lovejoy (Buikstra & Ubelaker, 1994, pp. 24–32). Podemos afirmar com segurança que se tratava de uma mulher de idade avançada (provavelmente entre os 50 e os 60 anos de idade). A observação do nível desgaste da dentição confirma estes valores. Quando o esqueleto se encontrava ainda *in situ*, e após a sua decapagem, foi possível registar algumas dimensões aproximadas do corpo, ainda com os espaços articulares intactos, para que a única diferença em relação às dimensões *in vivo* fosse os tecidos musculares e adiposos superficiais. Assim, para a distância entre ombros obteve-se o valor de 35 cm; para o comprimento total dos membros superiores, 65 cm; para o comprimento total dos membros inferiores, 75 cm.

Dado que a posição do esqueleto era pouco tradicional e tendo em consideração que a manutenção da posição anatómica relativa das ossadas demonstra que o corpo não foi movido após a sua deposição nas areias que o embalavam, foram tomadas precauções especiais para tentar detectar quaisquer sinais de violência que pudessem eventualmente ter determinado a morte deste indivíduo. Assim, as ossadas foram exumadas cuidadosa e separadamente, tendo em especial atenção a zona da omoplata e das costelas, dado

que o corpo da omoplata direita mostrava uma pequena fractura, que, a ser de carácter traumático e relacionada com a morte, deveria estar acompanhada por fractura das costelas superiores. Esta associação, contudo, não se verificou, sendo impossível, portanto, afirmar que a fractura da omoplata estivesse relacionada com a morte deste indivíduo.

Singular é, no entanto, uma fractura presente no frontal (lado direito), que foi efectuada sob pressão no sentido antero-posterior, que não pode ter ocorrido *post mortem*, uma vez que o crânio se encontrava voltado para baixo, não sendo a face visível antes de ter sido exumada. Para além da fractura craniana, a sexta costela do lado esquerdo mostra a presença de uma fractura consolidada a meio da diáfise, que de certa forma alterou a curvatura natural da costela.

A escavação lenta e cuidada deste esqueleto levou à identificação de uma escoliose moderada da coluna vertebral, visível na transição entre o segmento cervical e dorsal. A escoliose manifesta-se através de uma pequena torção das vértebras, com uma convexidade visível no lado direito. A análise laboratorial mais detalhada deste indivíduo, após a sua exumação, levou à identificação de degeneração de carácter artrítico, visível

sobretudo nas vértebras cervicais, que manifestam a presença de osteofitos mais ou menos desenvolvidos, tendo-se verificado mesmo a fusão das segunda e terceira vértebras cervicais. As vértebras lombares possuem igualmente osteofitos mais ou menos desenvolvidos, mas não há fusão das mesmas; exibem, contudo, porosidade e formação de rebordos nas superfícies articulares das apófises articulares superiores e inferiores, denotando dificuldade de movimentos de flexão e extensão da zona lombar. A degeneração artrítica do esqueleto, natural em indivíduos de idade avançada, pode ser testemunhada pela presença de porosidade e formação de osteofitos, em grau pouco significativo, em muitas zonas do esqueleto (rótulas, clavículas, fémures e omoplatas, e mesmo nos ossos do carpo).

Ao nível do aparelho mastigatório, é de salientar a porosidade acentuada do côndilo esquerdo, com formação de osteofitos, que claramente interferiam com a capacidade mastigatória do indivíduo em vida. É de salientar, igualmente, a ausência de quaisquer cáries activas em ambos os maxilares. No entanto, o primeiro molar inferior direito foi perdido *ante mortem*. Talvez por este motivo, e por a lesão ter impedido a mastigação do lado direito durante um período prolongado, o nível de erosão do esmalte nos dentes posteriores deste lado é bastante inferior ao que se verifica no lado esquerdo.

O corpo do indivíduo 8, que, como foi referido, possuiria um elemento de demarcação estrutural constituído por três tijolos de adobe toscamente empilhados sobre a zona da cabeça, encontrava-se voltado para leste, com as pernas ligeiramente flectidas e os braços em flexão pronunciada, de tal forma que as mãos se encontravam junto ao rosto. Envolvendo uma das falanges da mão direita encontrava-se ainda um anel (Fig. 21). O esqueleto pertenceu a um jovem de cerca de 15 anos de idade, estando as partes do esqueleto presentes na sua quase totalidade.

Contudo, os ossos encontravam-se bastante quebrados, com excepção de alguns fragmentos, como, por exemplo, o pé esquerdo, que estava ainda em conexão. Foi também



Fig. 11 – Sepultura 8.

possível identificar uma coloração esverdeada, própria do contacto com objectos metálicos, em duas das falanges proximais esquerdas; uma delas tinha sido recolhida juntamente com os ossos do crânio, dada a posição original do esqueleto (membros superiores flectidos e mãos junto à face).

A fragmentação dos ossos não permite obter quaisquer medidas do comprimento total, tornando-se impossível o cálculo da estatura. A idade, contudo, pode ser estimada a partir do nível de calcificação da dentição, apontando para 15 anos \pm 36 meses. O grau de desenvolvimento das soldaduras das epífises dos metacarpianos e metatarsianos, na sua grande maioria presentes, e de alguns outros ossos longos também identificados, aponta para o mesmo número de anos (Krogman & İşcan, p. 76).

A morfologia do maxilar inferior parece indicar que se tratava de um indivíduo do sexo feminino, mas o diagnóstico do sexo a partir de ossos de indivíduos jovens não é muito seguro. Não foi possível identificar qualquer indicador de causa de morte.

O indivíduo 9, o último enterramento a ser identificado, continha o esqueleto parcial de uma criança muito jovem. Tal como a maior parte das crianças que tinham sido identificadas anteriormente, esta encontrava-se em posição semiflectida, sobre o lado esquerdo; a perna esquerda em extensão, e a direita flectida. Os braços encontravam-se igualmente semiflecti-



Fig. 12 – Sepultura 9.

dos, estando as mãos próximas do crânio. O estado de conservação dos ossos é admirável, se tivermos em conta a sua fragilidade; de facto, a maior parte do esqueleto encontra-se representada, embora fragmentada em algumas porções mais frágeis, como é o caso das costelas.

Tal como foi afirmado em relação aos esqueletos descritos anteriormente, não é possível identificar o sexo do indivíduo nesta idade. A idade, pelo contrário, pode ser calculada com base no comprimento total dos ossos completos, e na sequência de desenvolvimento da dentição 'de leite'. Assim, e utilizando as tabelas desenvolvidas por Fazekas & Kosa (1978), o comprimento dos ossos longos indica o 10.º mês lunar como idade provável do indivíduo.

Os enterramentos infantis, cuja variação etária se estende entre os 0 e os 10 anos, indiciam um ritual homogéneo, sendo os corpos depostos em posição semiflectida, sobre um dos lados (esquerdo ou direito), directamente em fossa aberta nas areias fluviais do Tejo. A orientação dos enterramentos é, contudo, heterogénea.

Infelizmente, não foi possível identificar a causa da morte em nenhum dos indivíduos sub-adultos, o que pode, em parte, dever-se à ausência de muitas zonas do esqueleto. Com efeito, embora os ossos (incluindo os dos recém-nascidos) se encontrem em bom estado de conservação, os esqueletos não se encontravam completos, devido a perturbações pós-deposicionais, relacionadas com a intensa

ocupação humana da área e à consequente construção de estruturas que se sobrepõem ao espaço da necrópole, quer no Período Romano, quer em fases posteriores.

A expressividade dos enterramentos de subadultos poderá relacionar-se com a eventualidade de a área intervencionada da necrópole constituir uma zona especializada para deposição funerária de crianças e jovens. Em outro ponto deste trabalho haverá oportunidade de discutir mais detalhadamente esta realidade.

Mais problemáticas e diversificadas são as formas utilizadas para a deposição dos indivíduos adultos identificados nesta necrópole. Com efeito, os três adultos exumados apresentam particularidades que tornam a interpretação do ritual funerário extremamente complexa.

Um dos adultos (indivíduo 5) encontrava-se simplesmente representado pela porção distal do membro inferior esquerdo (zona inferior da perna) e por parte dos ossos de ambos os pés. A disposição das ossadas sugere que, pelo menos a zona abaixo do joelho, se encontrava flectida, de forma que o pé esquerdo assentava sobre a perna direita, indicando que, possivelmente, o corpo foi colocado sobre o lado direito. Contudo, a construção de estruturas posteriores à utilização da necrópole provocou a remoção do resto do esqueleto, impossibilitando um diagnóstico mais preciso sobre o sexo e a idade. Desta pequena porção do esqueleto parece, no entanto, legítimo sugerir a presença da inumação como tratamento funerário dos indivíduos adultos.

O segundo caso (indivíduo 7) revela-se mais complexo, tratando-se de um indivíduo do sexo feminino, de idade avançada (entre os 50 e os 60 anos de idade). A disposição do corpo, em posição estendida, sobre a superfície ventral e a invulgar presença de sinais indicadores de violência são particularidades que devem ser destacadas. Com efeito, o esqueleto encontrava-se perfeitamente conservado *in situ*, sendo mesmo possível reconhecer os espaços ocupados pelos tecidos cartilaginosos das articulações e o posicionamento semiflectido das falanges da mão, sugerindo que o corpo foi depositado sem

quaisquer cuidados rituais, contrastando com o posicionamento dos restantes indivíduos (tanto adultos, como crianças). Mais surpreendente é a presença de uma fractura sob pressão, sobre a órbita direita, acompanhada de uma deslocação no sentido posterior dos ossos que constituem a zona nasal e a parte interior do crânio (nomeadamente, o esferóide e o maxilar superior). Considerando que o esqueleto se encontrava em perfeito estado de conservação, com todos os elementos ósseos *in situ*, rosto voltado para baixo e depositado sobre as areias fluviais, assume-se que não terão sido os fenómenos pós-deposicionais os responsáveis pelo impacto sofrido no crânio numa direcção antero-posterior. O carácter invulgar desta deposição, sem indicação de qualquer cuidado mortuário ou gesto ritual, poderá explicar-se pelo facto de se tratar de um indivíduo a quem, por motivos que permanecem desconhecidos, terá sido negado o enterramento “digno” de um cidadão, prática que terá sido comum em relação aqueles que tenham ocupado um lugar periférico em relação ao tecido social ou por ele rejeitados (Priour, 1980).

O terceiro adulto exumado nesta necrópole foi cremado e depositado numa urna. Os sedimentos arenosos que a preenchiem foram retirados em camadas horizontais, em laboratório, revelando a presença de ossadas de um indivíduo adulto, a avaliar pelas zonas do esqueleto ainda passíveis de identificação, após terem sido cremadas. Uma das zonas do esqueleto que resistiu à cremação foi a zona inter-orbital (glabella) que, pela sua robustez, sugere que as ossadas pertenceram a um indivíduo do sexo masculino. Para além destes dados e como já foi referido identificaram-se o que poderão ser os vestígios de uma área de cremação (*ustrinum*) (Figs. 1 e 3). Nesta camada, eram abundantes ossos queimados, carvões vegetais, espólio votivo muito fragmentado e uma quantidade numerosa de pequenos pregos. Após a cremação dos corpos, as cinzas e ossos carbonizados seriam colocados em urnas que eram depositados sobre o terreno. Foram identificadas outras áreas com concentração de cinzas, interpretadas como *ustrina*, que poderão indicar a deposição de cremações directamente em fossa, como

frequentemente acontece em necrópoles desta cronologia.

4. Os materiais

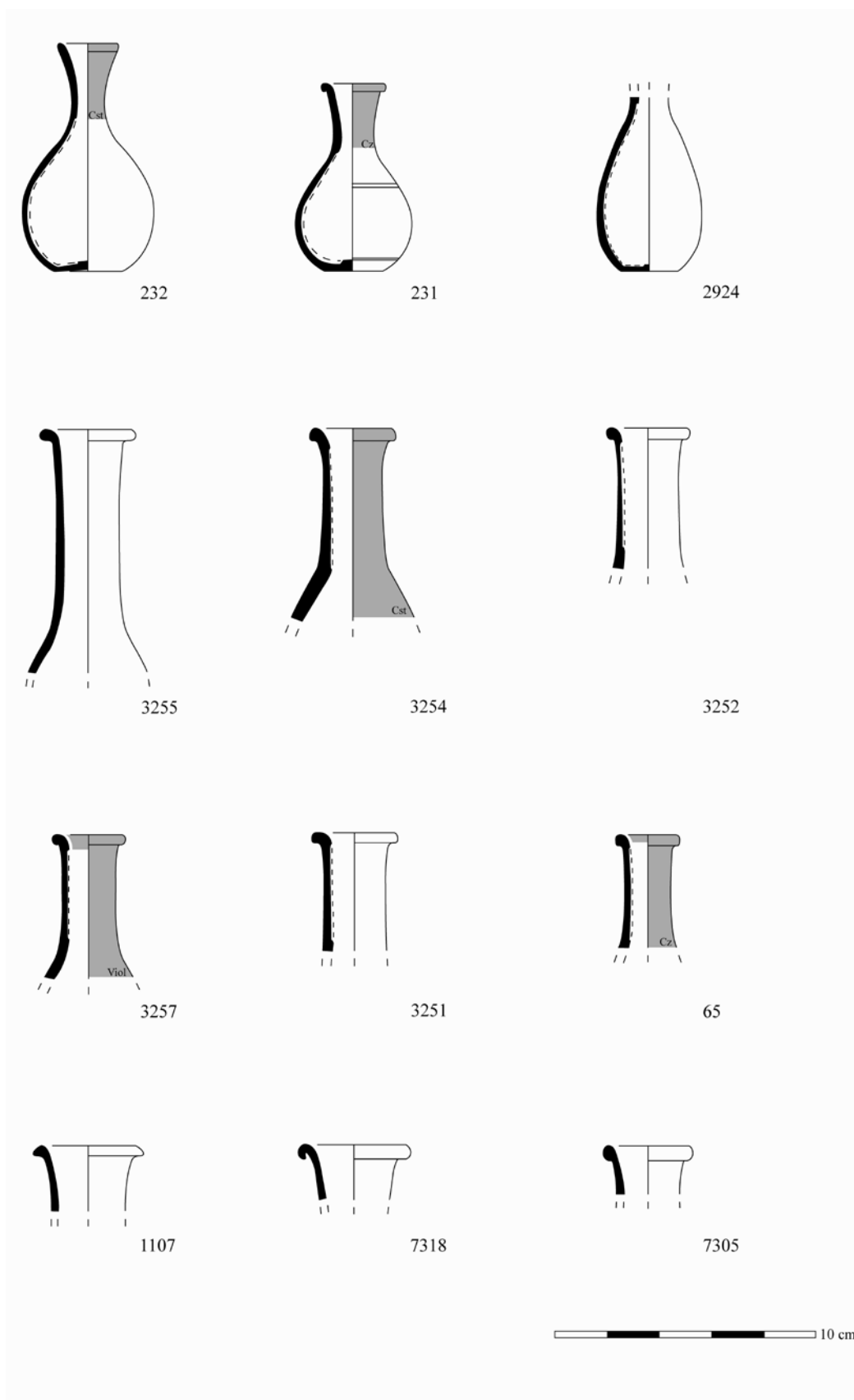
Cerca de metade dos materiais foi recuperada nas áreas de *ustrina*, tendo os restantes sido recolhidos na camada de areia, sem associação directa a qualquer sepultura. São, portanto, raras as peças que estão associadas directamente aos indivíduos sepultados. Neste último caso, cabem apenas o anel encontrado *in situ* (envolia uma das falanges), da sepultura 8 (um jovem aparentemente do sexo feminino, com cerca de 15 anos de idade), e o unguentário que se depositou sobre as cinzas da urna cinerária (sepultura 4).

O espólio arqueológico que pode associar-se à necrópole do NARC é constituído por cerâmicas, vidros, metais e artefactos de adorno. Estes materiais podem, contudo, ainda dividir-se quanto à função específica que podem ter representado no ritual funerário, uma vez que os equipamentos rituais usados pelos vivos durante as cerimónias fúnebres, os artefactos do defunto utilizados pelo próprio e as oferendas propriamente ditas, para além, naturalmente, das urnas e respectivas tampas, que contêm os restos humanos, não deveriam ser tratados como um conjunto uniforme. Sabemos, porém, como é, por vezes, difícil estabelecer com rigor esta separação, e, no caso presente, ela também não é fácil. Assim, e apesar de parecer óbvio que os anéis caberiam bem no segundo dos casos, e que alguns dos unguentários, dos vasos de paredes finas, da terra sigillata e da cerâmica comum poderiam tratar-se de oferendas propriamente ditas, a verdade é que alguns dos pratos são passíveis de serem considerados tampas de urnas, facto que, para pelo menos um dos casos, há dados inequívocos.

4.1. A cerâmica

O conjunto cerâmico associado aos contextos funerários identificados no NARC é relativamente reduzido, sendo constituído principal-

Fig. 13 – Unguentários.
Desenhos de Armando
Sabrosa e Elisa Sousa.



mente por vasos de cerâmica de paredes finas e unguentários, estando também presentes exemplares de *terra sigillata*, cerâmica comum, lucernas, para além, naturalmente, da urna que continha os restos da cremação.

4.1.1. Os unguentários

Os unguentários constituem um tipo cerâmico de utilização fundamentalmente funerária (Anderson, 1987). Em linhas gerais, dividem-se em dois tipos. O mais antigo, que representa a evolução das séries helenísticas, apresenta um corpo fusiforme, colo alto e pé também alto. O mais recente, já integrado nos repertórios de cronologia romana, tardo-republicana/alto-imperial, distingue-se essencialmente por apresentar um fundo plano (Py, 1993, p. 581). É este último tipo de unguentários, que corresponde ao grupo D da tipologia estabelecida pela equipa de Lattara (Py, 1993), que encontramos associado aos contextos da necrópole do NARC. Constituem um grupo relativamente homogêneo, que cronologicamente se enquadra entre meados do século I a.C. e os finais da centúria seguinte (Py, 1993, p. 581). Está representado por 18 exemplares, três dos quais completos.

Um deles (n.º 7318) pôde ainda ser integrado na variante D1, uma vez que apresenta uma pança globular, colo alto e bordo triangular, cuja cronologia se encontra bem balizada entre 25 a.C. e 50 d.C. Os restantes incluem-se, genericamente, no grupo D, ainda que se aproximem da variante D2 que, contudo, não oferece parâmetros cronológicos mais curtos que o já estabelecido para o grupo na sua globalidade.

Cabe ainda destacar que alguns dos unguentários agora estudados apresentam um engobe na superfície externa, que pode variar entre o castanho, o cinzento e o violáceo, o qual mostra, por vezes, reflexos metálicos. As características físicas das suas pastas, nomeadamente a sua semelhança com determinadas características de cerâmica de paredes finas de importação itálica, indiciam uma idêntica origem.

Neste contexto, convém ainda recordar que

a utilização destes artefactos cerâmicos é fundamentalmente funerária, ainda que não seja infrequente o seu aparecimento, sempre em número reduzido, em sítios de habitat. Este facto, aliado ao estado de conservação de alguns dos nossos exemplares, bem como à sua localização concreta, pelo menos de um deles, no interior da urna funerária, sobre as cinzas, permite pensar que estas peças podem ser consideradas oferendas fúnebres.

4.1.2. A cerâmica de paredes finas

Os vasos de paredes finas consistem em recipientes específicos para o consumo de líquidos, particularmente durante o período republicano e o século I da nossa era, sofrendo o seu repertório uma notável diversificação a partir do período augustano (Passelac, 1993, p. 511). A partir do reinado de Tibério, assiste-se a uma proliferação das produções peninsulares, caracterizadas, essencialmente, pela presença de taças cobertas por engobes, por vezes com reflexos metálicos, que substituem os copos de superfícies polidas, típicos do período republicano.

O conjunto de paredes finas recolhido no decurso



Fig. 14 –
Unguentários: BCP/Lx
2945 (à direita), BCP/
Lx 231 (à esquerda)
e BCP/Lx 232 (à
frente).
Fotografia de José
Paulo Ruas.

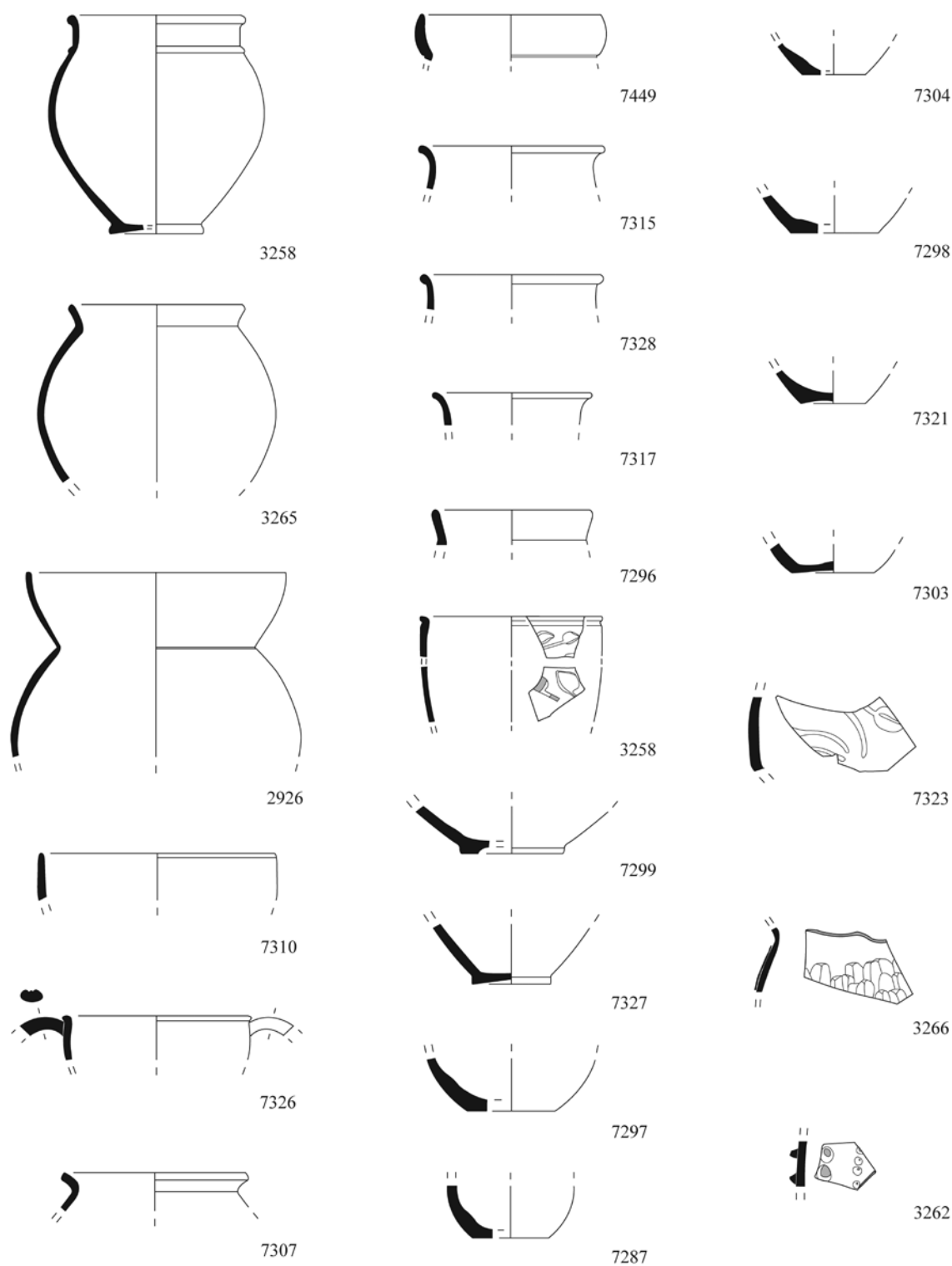


Fig. 15 – Cerâmica de paredes finas. Desenhos de Armando Sabrosa e Elisa Sousa.

da escavação da área de necrópole do NARC parece integrar-se, cronologicamente, neste momento de transição, tendo sido identificados tantos os protótipos republicanos como os seus substitutos alto-imperiais. Corresponde a um grupo de 29 fragmentos, 22 dos quais passíveis de representação gráfica.

A tipologia utilizada para a sua classificação foi a proposta por Françoise Mayet (1975), actualizada, particularmente a nível cronológico, segundo os dados avançados por outros autores (López, 1981; Passelac, 1993).

Dois fragmentos de bordo (n.ºs 3265 e 7307) não têm uma integração tipológica clara. Ainda que a forma do corpo, mais globular, e a inclinação do bordo os faça aproximar dos copos da forma XX de Mayet, a ausência de asas, em ambos exemplares, obrigou à sua classificação no tipo II da mesma tipologia, concretamente na sua variante A, de acordo com os tipos de bordo. A cronologia desta forma inicia-se ainda no século II a.C. existindo contudo dados que permitem constatar a sua presença no período augustano (López, 1981, pp. 202–203; Arruda & Sousa, 2003, p. 247). As pastas dos exemplares aproximam-se do que foi definido como grupo I de Alcáçova de Santarém, considerado de produção itálica (Arruda & Sousa, 2003, p. 240).

No conjunto das formas representadas, destaca-se também a presença de três fragmentos de bordo (n.ºs 7310, 7326 e 7449) integráveis na forma III de Mayet, que corresponde a copos de altura variável e bordo geralmente encurvado (Mayet, 1975, p. 29), cronologicamente balizados entre o terceiro quartel do século I a.C. e os finais dessa centúria (Passelac, 1993, p. 513), não sendo impossível que perdure até inícios do século I, como já foi documentado, na área do estuário do Tejo, concretamente na Alcáçova de Santarém (Arruda & Sousa, 2003, p. 251, pp. 253–254). Um desses fragmentos (n.º 7326), que possui asas caneladas, pode ainda ser integrado na variante III-A (Mayet, 1975, p. 30). As características da sua pasta enquadram-se também no já mencionado grupo I da Alcáçova de Santarém, indicando uma proveniência itálica. O outro exemplar (n.º 7310) apresenta, por outro lado, características

ao nível da pasta que permitem aproximá-lo de uma produção da área meridional da Península Ibérica, mais concretamente da Bética, podendo representar uma imitação da forma itálica. Vários dos fragmentos de fundo podem também ser enquadrados nesta forma.

A forma VIII de Mayet encontra-se representada por um único vaso (n.º 2926), integrável na variante VIII C. Corresponde a um copo de corpo globular e bordo alto, de tendência oblíqua (Mayet, 1975, p. 39). A sua cronologia centra-se na segunda metade do século I a.C. (Mayet, 1975, p. 38; Passelac, 1993, pp. 514–515). A pasta aponta para uma procedência da Península Itálica (grupo I da Alcáçova de Santarém).

Da forma XIV, que corresponde a copos altos, de corpo cilíndrico e paredes de tendência vertical, contabilizaram-se três fragmentos de bordo (n.ºs 7315, 7328 e 7317). O facto de este ser oblíquo permite ainda a sua inclusão na variante A. Cronologicamente, a produção destes copos parece centrar-se no período augustano (Mayet, 1975, p. 52; López, 1981, p. 273), ainda que a recolha de exemplares desta forma em níveis alto imperiais também esteja documentada na Alcáçova de Santarém (Arruda & Sousa, 2003, p. 272). Ao nível das características das pastas, dois exemplares enquadram-se no grupo VII, de proveniência incerta, e o outro no grupo I da Alcáçova de Santarém (Arruda & Sousa, 2003).

Um outro exemplar recolhido (n.º 3258), o único de perfil completo, parece corresponder ao tipo XXI de Mayet. Ainda que esta integração tipológica não seja clara, a presença da moldura abaixo do colo, este de tendência vertical, assim como a forma geral do corpo da peça, justificam esta classificação. A sua cronologia é idêntica à descrita para a forma anterior (Mayet, 1975, pp. 56–57; López, 1981, p. 293) e, ao nível do fabrico enquadra-se no grupo I da Alcáçova de Santarém (Arruda & Sousa, 2003, p. 240).

Um fragmento de bordo (n.º 7296) é integrável na forma XL, que engloba copos de corpo arredondado, de bordo oblíquo e exvertido, documentados principalmente em níveis tibério-cláudios (Mayet, 1975, p. 73), mas podendo estender-se até uma fase mais tardia

(Passelac, 1993, p. 520). As características da pasta indicam uma procedência lusitana deste exemplar, possivelmente de Mérida.

Um último vaso, constituído por fragmentos de bordo e parede (n.º 7325), apresenta-se de difícil classificação tipológica, particularmente quando se conjuga as características formais e os motivos decorativos. A nível da forma do corpo e do tipo de bordo, este vaso aproxima-se dos copos de parede cilíndrica ou oblíqua da forma XII de Mayet. Os motivos decorativos, em barbotina, correspondem a “folhagem de plantas aquáticas”, de acordo com a terminologia proposta pela investigadora francesa (Mayet, 1975, p. 8). Cronologicamente, o tipo XII de Mayet enquadra-se no período augustano (Mayet, 1975, p. 50), podendo estender-se até meados do século I (Passelac, 1993, p. 516). A pasta dos fragmentos corresponde ao grupo I da Alcáçova de Santarém, de origem itálica (Arruda & Sousa, 2003, p. 240). Três fragmentos de parede apresentam uma decoração em barbotina que justificou a sua representação gráfica. Ao nível dos motivos decorativos, destaca-se a presença de decoração com “escamas de pinha” (n.º 3266), com “folhagem de plantas aquáticas” (n.º 7323) e fileiras de “mamilos” (n.º 3262), correspondendo os últimos a produções peninsulares e o primeiro a uma produção itálica. Dois outros fragmentos, não representados graficamente, apresentam uma decoração de “granitado arenoso”.

O conjunto de cerâmica de paredes finas associado à necrópole do NARC corresponde, na sua grande maioria, a importações itálicas, que ocorreram entre os finais da república e, sobretudo, o reinado de Augusto. Contudo, alguns fragmentos pertencem já a uma fase mais tardia que pode atingir os meados do século I da nossa Era.

Torna-se difícil avaliar o real significado destes vasos neste contexto, havendo dados que permitem considerar a utilização de alguns deles enquanto equipamentos rituais e outros como oferendas. Contudo, reconhecemos que esta separação se faz apenas com base no estado de fragmentação, facto que poderá dever-se

a várias causas, nomeadamente a fenómenos pós-deposicionais.

4.1.3. A terra sigillata

No contexto da necrópole foram recolhidos nove fragmentos de *terra sigillata*, documentando-se as produções itálicas (quatro), sudgálicas (quatro) e hispânicas de tipo Peñaflor.

Entre as itálicas, conta-se uma taça muito bem conservada (n.º 3267), de bordo vertical, com decoração de *guilhoché* na superfície externa, e que se integra na forma Conspectus 22, datável entre 15 a.C. e 14 d.C. Apresenta, no fundo interno, uma marca, onde é apenas legível a letra D. Dos restantes três fragmentos deste grupo, n.ºs 3264, 3263 e 4297, os dois primeiros não permitem uma classificação segura, podendo incluir-se nas formas 18, 19 e 21 de Conspectus. A sua pequena dimensão impede a observação das características que permitiriam uma inclusão numa forma específica, ainda que pareça provável que possam integrar-se na forma 18 (10 a.C.–37 d.C.), dada a sua associação à tigela da forma 22, que constitui o serviço II de Haltern. O último deve enquadrar-se no tipo Conspectus 21, com uma datação idêntica ao dos exemplares anteriores.

Entre os quatro exemplares de produção sudgálica, três pertencem a vasos decorados. O n.º 3260 corresponde à forma 30 de Dragendorff, cuja produção se iniciou em torno ao ano 40; o n.º 230 faria parte de uma taça do tipo 29; sendo o n.º 3259 inclassificável morfologicamente. O n.º 7375 integra a forma 27, de longa cronologia de utilização (30/40–100). Apenas um bordo (n.º 7376) pode ser classificado como produção hispânica, ainda que de tipo Peñaflor, ou precoce. Trata-se do fragmento de um prato da forma III de Martínez Rodríguez (1987), que pode ser datada do século I.

4.1.4. A cerâmica comum

Nesta categoria cerâmica foi possível distinguir dois tipos de produções. A primeira caracteriza-se por modos de cozedura redutores, que

conferem às pastas e superfícies tonalidades cinzentas. Estas produções são, em muitos aspectos, idênticas às cerâmicas cinzentas pré-romanas, distinguindo-se principalmente a nível formal, uma vez que rapidamente se adaptam a novos protótipos, de origem itálica, que começam a chegar à área ocidental atlântica a partir de meados do século II a.C. Um único exemplar (n.º 3261) apresenta um engobe de tonalidade negra em ambas as superfícies. O segundo tipo de produção, realizado em atmosferas oxidantes, corresponde a cerâmicas de pastas alaranjadas e avermelhadas, enquadráveis no que se designa genericamente como “cerâmica comum”.

No conjunto das primeiras produções, destaca-se a presença, a nível formal, no conjunto da necrópole do NARC, de várias imitações de protótipos de *terra sigillata* itálica.

Dois pratos de perfil completo (n.ºs 3269 e 2652) parecem imitar a forma 1 de *Conspectus*, a julgar pela sua forma geral e pelo facto de a parede superior ter tendência exvasada. Por outro lado, a curvatura que é visível nessa mesma parte da peça permite considerar também a possibilidade de estes pratos se inspirarem nos protótipos da forma 18 de *Conspectus*. Um outro prato (n.º 3268) imita, claramente, os pratos da forma 10 da mesma tipologia.

Ao nível das taças, documentou-se dois exemplares que parecem inspirar-se na forma 7 (n.ºs 2964 e 2965) e 8 (n.ºs 3261 e 7302) de *Conspectus*.

A produção de vasos de cerâmica cinzenta que imitam formas itálicas é muito frequente em época

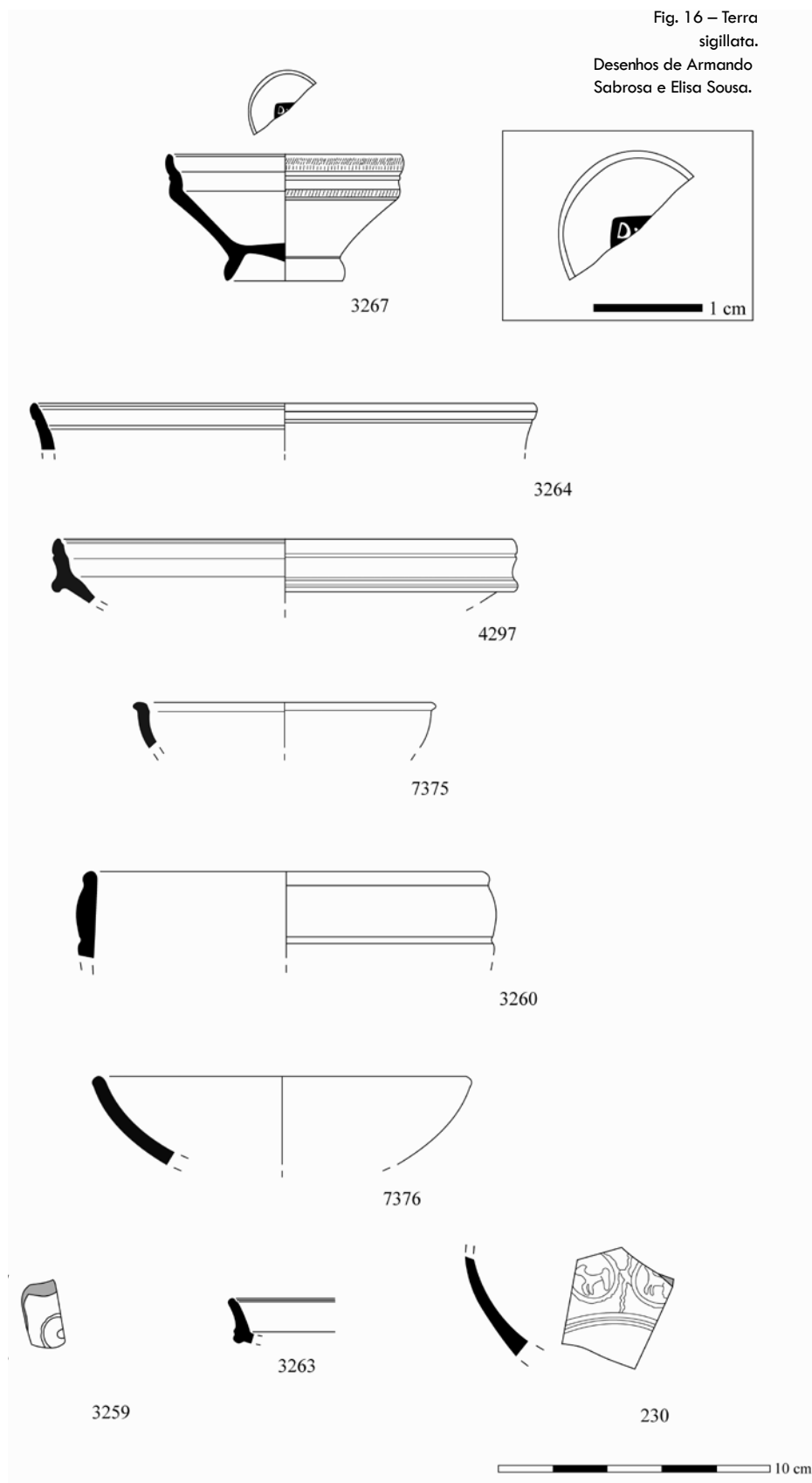
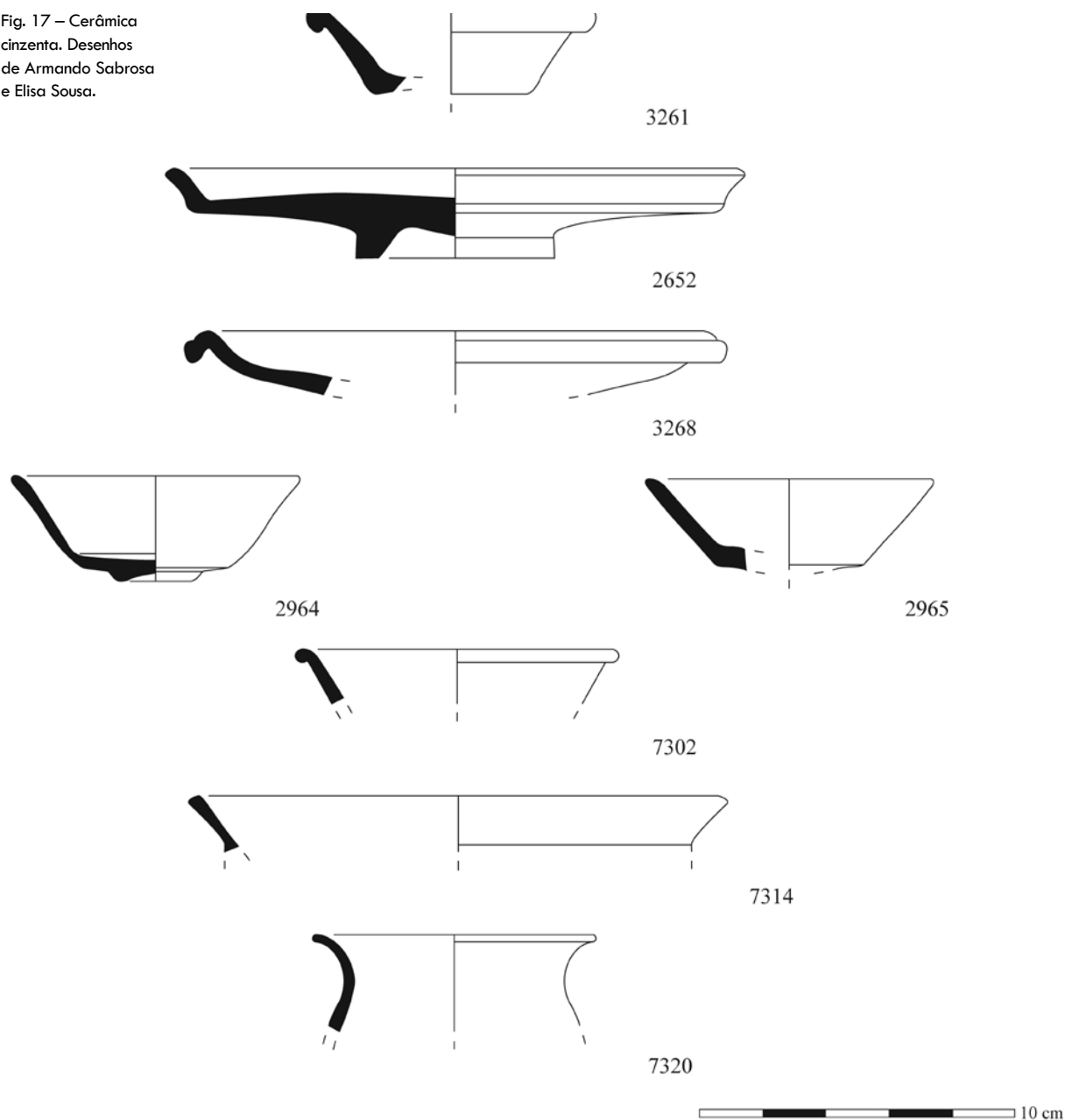


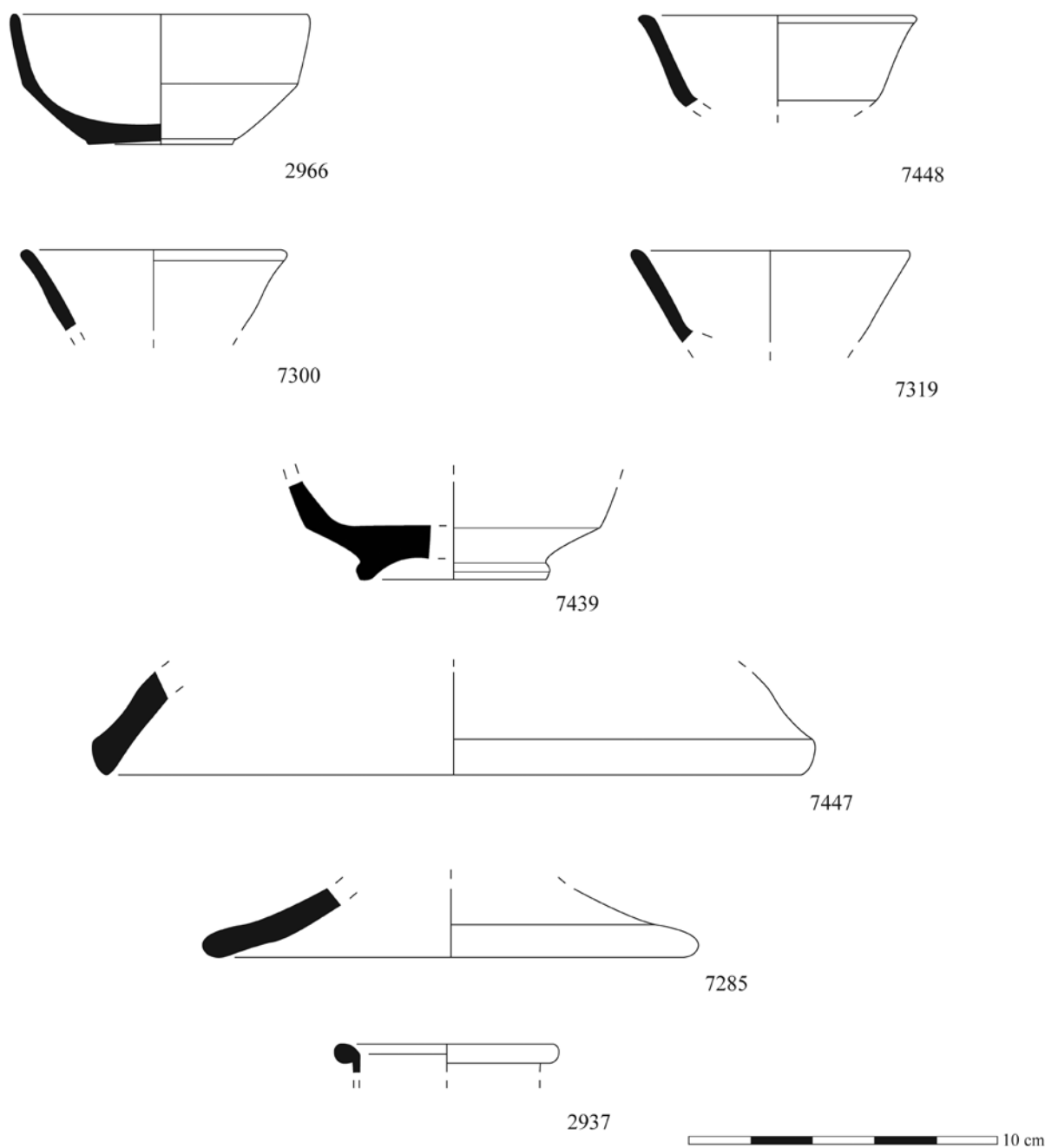
Fig. 17 – Cerâmica cinzenta. Desenhos de Armando Sabrosa e Elisa Sousa.



republicana, prolongando-se mesmo até ao reinado de Augusto, parecendo evidente que a cerâmica campaniense inspirou muitos oleiros ocidentais, quer ao nível da forma quer no próprio tratamento das superfícies. De facto, existem, em contextos tardo-republicanos, mesmo no território actualmente português, vários vasos de pasta cinzenta, com a superfície coberta por um engobe negro, mais ou menos aderente (entre outros, Delgado, 1971; Fabião, 1999; Sepúlveda & alii, 2001). Mais raras, mas não

completamente incomuns, são as imitações de formas de *terra sigillata*, como é o caso de alguns fragmentos de Alcácer do Sal (Sepúlveda & alii, 2001) ou mesmo de Santarém (materiais em estudo). Curiosamente, ou talvez não, as formas imitadas quer em Alcácer, quer em Santarém, quer ainda em Lisboa, são quase sempre as mesmas (maioritariamente Conspectus, 1, 7, 8 e 10).

Parece importante referir ainda que os pratos, nomeadamente os da forma 1 de Conspectus,



parecem ter sido utilizados no NARC como tampas de urna, facto completamente provado para pelo menos um dos casos.

Não incluído nesta categoria, mas imitando uma forma itálica, neste caso de campaniense, concretamente uma taça Lamboglia 1, o fragmento n.º 7439 é um fundo que tem pasta e superfícies de tonalidade irregular, com áreas alaranjadas e outras mais cinzentas, não cabendo, ainda assim no grupo das cerâmicas cinzentas.

Dois outros fragmentos de bordo, que correspondem, provavelmente, a um pote (n.º 7314) e a um pequeno pote (n.º 7320) assemelham-se já, quer ao nível formal quer no que respeita ao fabrico, ao que, no período pré-romano, se designa por cerâmica cinzenta. A existência de materiais idênticos a estes, em contextos mais antigos da área escavada do NARC (Sousa, 2011), obriga a colocar a possibilidade de os que agora se publicam,

Fig. 18 – Cerâmica comum e vidro. Desenhos de Armando Sabrosa e Elisa Sousa.

e parecem associados à necrópole romana, corresponderem, de facto, a espólios que não estão depositados em níveis primários de ocupação. Contudo, não pode esquecer-se que este tipo de cerâmicas permanece em época romana, facto amplamente documentado em vastas áreas (Arruda, 1999–2000).

Sobre os fragmentos que se integram no segundo tipo de produções, destaca-se a presença de um exemplar de perfil completo (n.º 2966), que consiste numa tigela com uma carena a meio da parede, e fundo plano. Dois fragmentos de bordo (n.ºs 7300 e 7319) parecem integrar-se no mesmo tipo de imitações anteriormente descritas, inspirados, aparentemente, também nos protótipos da *terra sigillata* itálica, concretamente na forma 7 de Conspectus. O fragmento de bico (n.º 7324) é de difícil classificação, ainda que possa aparentar-se com a forma Hayes 123 em *terra sigillata* Clara A, documentada, por exemplo, nas necrópoles de Balsa (Nolen, 1994) e Monte Molião (Arruda, 2006; Arruda, Sousa & Lourenço, 2010). As dimensões que o exemplar de Lisboa apresenta e a própria cronologia geral da forma incompatibilizam esta aproximação. Contudo, a existência de um paralelo próximo em Conímbriga, também em cerâmica comum (Alarcão & alii, 1976, Pl. XVIII, n.º 23), permite-nos também integrá-lo, por aproximação, na categoria de biberões. Um opérculo, de perfil completo, produzido na área do vale do Guadalquivir, foi também associado contextualmente à necrópole. Por último, resta referir a urna, completa, de bordo com tendência reentrante, que forma um pequeno degrau na superfície interna, que poderá ter servido para a colocação de uma tampa. Estava tapada com um prato de cerâmica cinzenta da Forma 1 de Conspectus e continha, para além dos restos da incineração, um unguentário.

Por fim, resta assinalar a presença de um fragmento de importação. Trata-se de uma tampa (n.º 7447), cuja pasta apresenta as características típicas das produções do Lácio e da Campânia. Pertencerá à forma Celsa 79, forma que aliás está bem difundida no Ocidente hispânico durante os séculos I a.C. e I d.C. (Sánchez, 1995).

4.1.5. As lucernas

No conjunto associado à necrópole do NARC, foi possível exumar dois fragmentos de lucernas passíveis de classificação tipológica e representação gráfica.

Ambos os fragmentos podem ser enquadrados na forma Dressel-Lamboglia 9 A, embora em um dos casos esta classificação não seja segura. Esta forma corresponde a lucernas de bico triangular, ladeado por duas volutas, com um disco amplo e profundo. No caso de um dos fragmentos (n.º 4098), é visível ainda a presença de um canal entre o disco e o bico, característica frequente em lucernas desta variante. Em relação ao restante exemplar, de integração tipológica menos segura dada a pequenez do fragmento, as dimensões e proximidade das volutas parecem indicar encontrarmos-nos perante uma lucerna de bico estreito, elemento que caracteriza a variante.

Cronologicamente, os exemplares desta forma documentam-se ao longo da primeira metade do século I e foram identificadas no teatro romano de Lisboa (Diogo & Sepúlveda, 2000, p. 228) e na Alcáçova de Santarém (Pereira, 2008, p. 58), para citar os locais geograficamente mais próximos.

4.1.6. As ânforas

Entre os materiais recuperados na camada das areias, foram identificados seis fragmentos de bordo de ânforas, que se podem incluir nos tipos Maña Pascual A4 (12.1.1.0), Dressel 1, Maña C2b e Haltern 70 e outros ainda de forma indeterminada.

O primeiro (n.º 7440), de produção itálica, tem bordo curto e pendente (Dressel 1 A) e possui a típica pasta das fabricadas nas oficinas do Lácio e da Campânia. É uma forma comum em Lisboa, estando bem estudadas as que foram identificadas no Castelo de São Jorge (Pimenta, 2005). A dimensão do fragmento impede grandes conclusões em termos cronológicos, podendo apenas falar-se de uma datação centrada nas duas últimas centúrias do I milénio a.C.

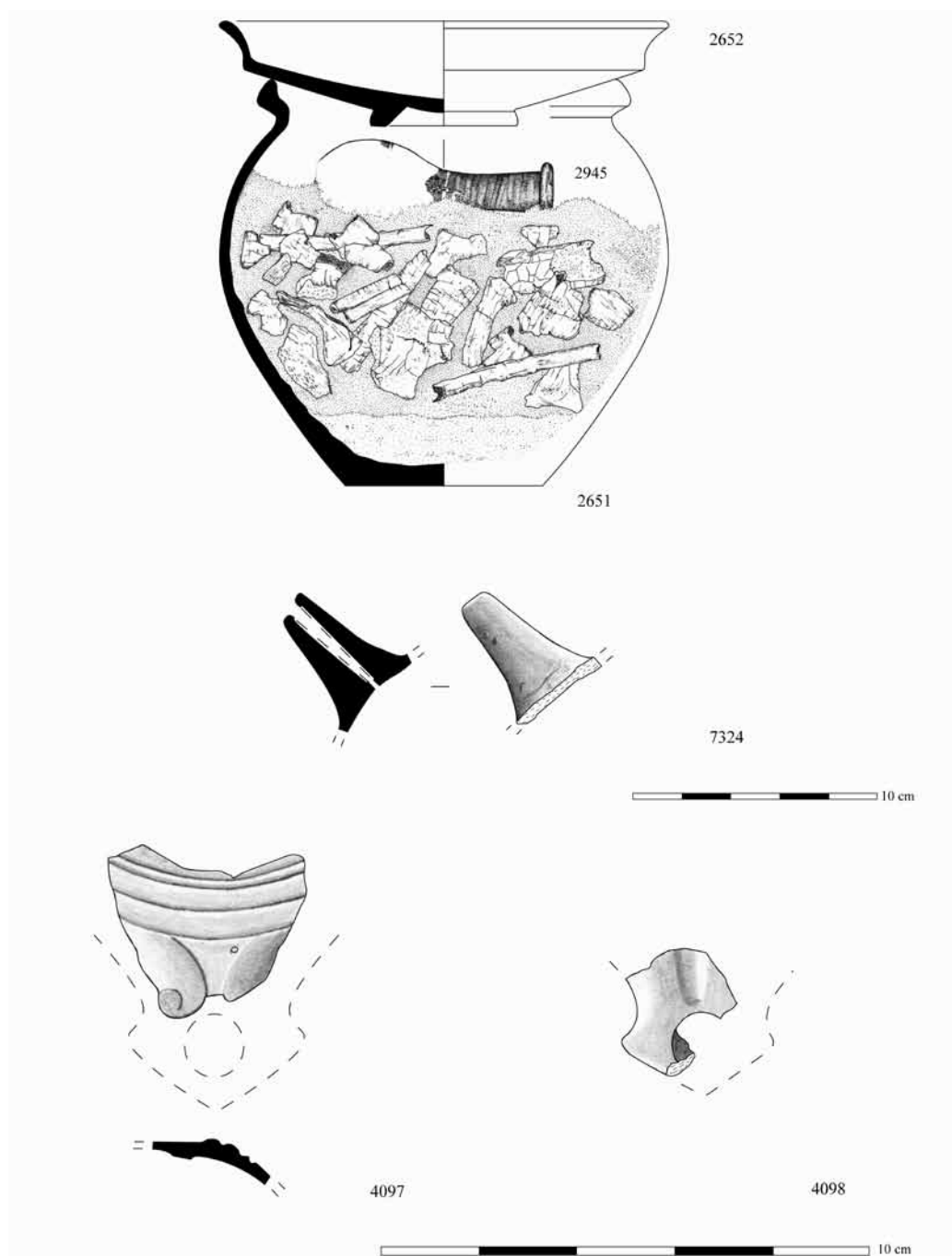
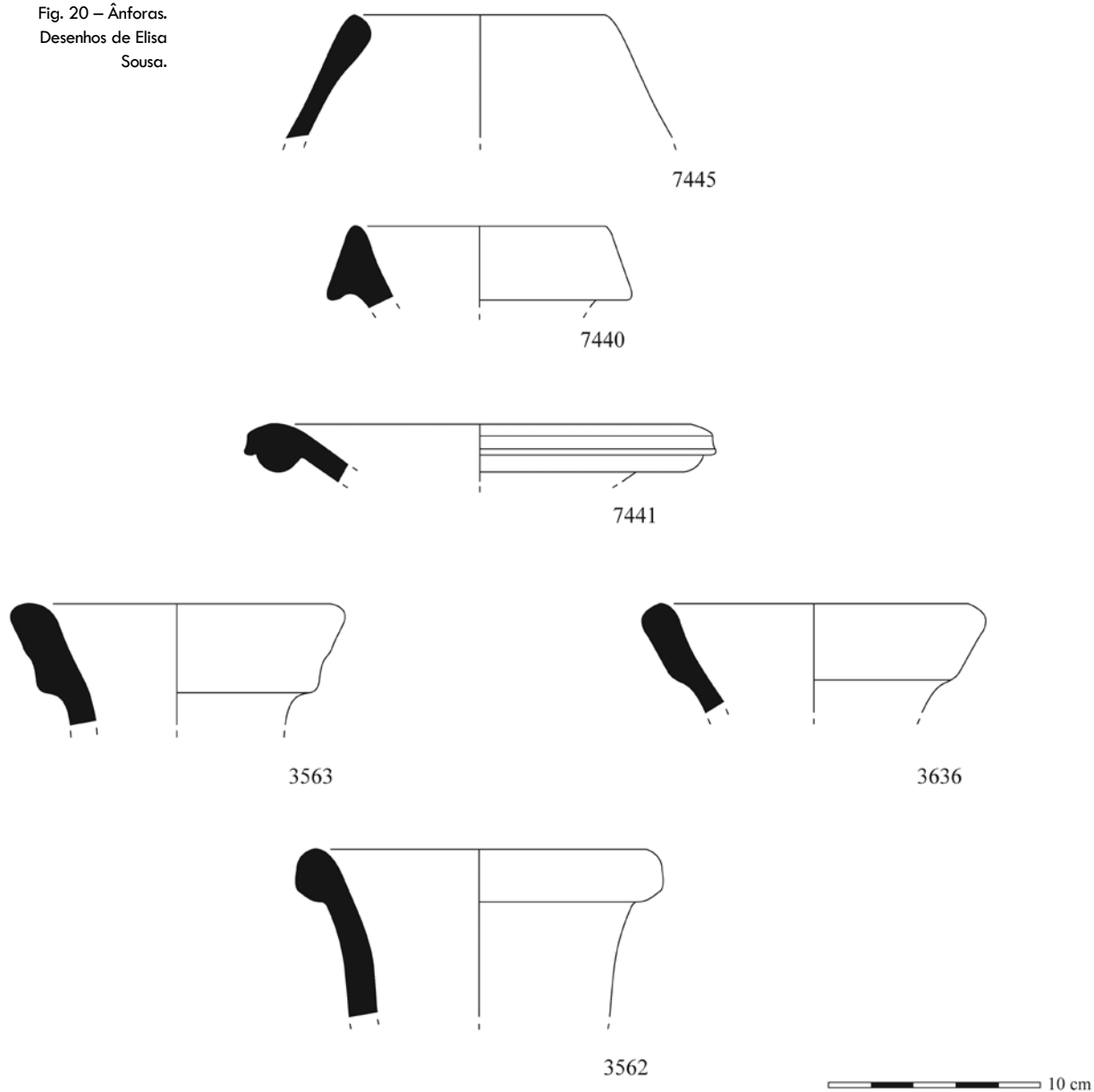


Fig. 19 – Conjunto constituído por urna em cerâmica comum (BCP/Lx 2651), prato em cerâmica cinzenta com funções de tampa (BCP/Lx 2652) e unguentário originalmente depositado no seu interior (BCP/Lx 2945).
Desenho de Margarida Monteiro.
Lucernas.
Desenhos de Elisa Sousa.

O bordo que foi identificado como pertencente a uma Mañá C2 (n.º 7441) apresenta um fabrico que permite atribuir a sua origem à baía gaditana. Trata-se de contentores comuns em contextos republicanos do actual território português (Arruda & Almeida, 1998, 2005), estando bem documentados em Lisboa, por exemplo no Castelo de São Jorge (Pimenta, 2005).

Um bordo foi reconhecido como Mañá-Pascual A4 (n.º 7445), mais exactamente do Grupo 12.1.1.0. de Ramon (1995). À semelhança do anteriormente comentado, integra-se em formas de tipologia pré-romana, estando a produção provada na área do Estreito de Gibraltar, bem como no litoral atlântico do norte de África, pelo menos desde o século V a.C. (Ramon, 1995). A forma perdurou, com algumas alterações, até

Fig. 20 – Ânforas.
Desenhos de Elisa
Sousa.



momentos tardios da época republicana (50–30 a.C.), facto demonstrado em Castro Marim (Arruda, 2000; Arruda & alii, 2006). Em Lisboa, os contextos dos finais do século II a.C. do Castelo de São Jorge forneceram também exemplares deste tipo anfórico (Pimenta, 2005), que, aliás, também partilham com o do NARC as pastas. As características petrográficas destas últimas permitiram já colocar a possibilidade da sua produção local (Pimenta, 2005, p. 92), hipótese que igualmente se reconhece como muito provável. Dois outros bordos pertencem à forma genericamente designada por Haltern 70. Atendendo às

características físicas das pastas, podemos afirmar que um deles (n.º 3563) é uma produção do vale do Guadalquivir, enquanto o outro (n.º 3636) tem uma origem lusitana. Relativamente ao primeiro, não há grandes observações a fazer, devendo contudo lembrar-se que a cronologia do início da produção (50 a.C.) foi recentemente revista em baixa, concretamente para 30/20 a.C. (García Vargas, Almeida & González, 2011). O nosso exemplar, ainda com características formais que o aproximam das Ovóides 4 (García Vargas, Almeida & González, 2011), corresponderá a uma Haltern 70 da fase inicial.

Também a classificação do exemplar lusitano não apresentou particulares dificuldades. Trata-se efectivamente de um bordo enquadrável na forma Haltern 70, representando, assim, a fase produtiva mais antiga da província ocidental, mais concretamente do reinado de Augusto. O fabrico deste tipo anfórico nas oficinas do Sado e do Tejo foi inicialmente proposto dadas as evidências de Santarém (Arruda & alii, 2006), evidências que viriam a ser reforçadas por outros elementos que foram, mais tarde, devidamente valorizados (Morais & Fabião, 2007).

Um outro bordo, com colo cilíndrico e o bordo recto no interior e espessado no exterior, pertence à forma Gauloise 4, cuja cronologia da produção está situada a partir dos finais do século I. Trata-se, pois, da única peça que destoa do conjunto em termos cronológicos. Contudo, e por ser apenas um único caso, entendemos que a sua presença pode corresponder a uma intrusão, pelo que não deve valorizar-se excessivamente, e não permite alterar a datação que propomos para a utilização deste espaço funerário.

4.2. Os vidros

Ainda no âmbito do espólio associado a esta necrópole, foi possível recolher um único exemplar de vidro (n.º 2937). Corresponde a um fragmento de bordo, cujas reduzidas dimensões impossibilitaram uma classificação segura (Fig. 18). Com efeito, morfologicamente, este exemplar poderia englobar-se na categoria dos unguentários, frequentes em contextos funerários. No entanto, a largura do seu diâmetro, que ultrapassa os seis centímetros, inviabiliza esta aproximação. Uma outra forma onde seria possível integrar o fragmento corresponde ao grupo das jarras, sendo possível observar algumas semelhanças com a forma 55a de Isings, particularmente ao nível da largura do diâmetro e verticalidade da parede. Contudo, distancia-se no que concerne a outras características das típicas jarras da variante 55a de Isings, nomeadamente no bordo redobrado. Cronologicamente, a presença de vasos de vidro torna-se predominante a partir de meados do século I d.C., existindo alguns indícios que

permitem recuar a sua comercialização ao reinado de Tibério.

4.3. Os objectos de adorno

Directamente associado à sepultura de uma jovem de 15 anos (a sepultura 8) foi encontrado um anel que envolvia ainda uma das falanges, ocupando, portanto, a sua posição original. Trata-se de um anel simples, com aro de bronze, de secção circular, onde parece conservar-se uma pequena conta em bronze ou cobre. A mesa, em metal férreo, é plana e oval, e sobre ela conserva-se ainda parte da pedra, de âmbar ou cornalina (Fernandes, 1995).

4.4. Os metais

Os metais estão mal documentados na necrópole do NARC. São exclusivamente ferros, estando dois em tão mal estado de conservação que não é possível compreender a que artefacto terão pertencido. Outros porém são pequenos pregos, ou tachas, de hastes muito curtas ± 1 cm e cabeças cónicas de pequeno diâmetro de base e escassa altura. Registe-se que as pontas das hastes estão na totalidade dobradas. Na área do *ustrinum*, contabilizaram-se sete destas peças completas, mais quatro cabeças, bem como uma haste isolada, também com a ponta dobrada. Duas possibilidades se colocam perante tais evidências. Ou se trata de objectos destinados a articular os troncos de madeira e calços das eventuais plataformas das piras funerárias, ou estamos perante artefactos que ligavam as diversas partes das padiolas onde os defuntos eram colocados sobre as piras. A escassa dimensão dos pregos indicia que a última das possibilidades é a mais provável.

4.5. Comentário ao espólio

A análise dos materiais associados aos contextos funerários do NARC sugere que a



Fig. 21 – Anel identificado *in situ* num dos dedos da mão direita do indivíduo 8. Fotografia de José Paulo Ruas.



Fig. 22 – Pregos ou tachas recolhidos na área do ustrinum. Fotografia de José Paulo Ruas.

utilização da necrópole se efectuou durante um período cronológico relativamente curto, entre as últimas três décadas do século I a.C. e a primeira metade do século I.

Com efeito, ainda que em número reduzido, alguns dados permitem recuar para os últimos anos do I milénio antes da nossa era a ocupação da área escavada no NARC. É

concretamente o caso de três das ânforas aqui estudadas, concretamente a Dressel 1, a Mañá C2b e a Mañá Pascual A4, cuja cronologia não é passível de avançar até ao reinado de Augusto. Assim, ou admitimos que estes contentores não estão associados à necrópole, mas sim correspondem a materiais dispersos embalados pela camada de areia durante o seu processo de formação natural, ou defendemos que a utilização deste espaço como área funerária se iniciou ainda nos finais da República, o que parece o mais provável. Por outro lado, alguns dos vasos de paredes finas, especificamente os que se enquadram nas formas II-A, III e VIII são característicos, particularmente nos dois últimos casos, de contextos tardo-republicanos, como foi atestado em Santarém (Arruda & Sousa, 2003) e no Castelo de Castro Marim (Viegas, 2006, p. 246). Mas, neste caso concreto, é necessário não perder de vista que vasos destas morfologias foram também já documentados em níveis augustanos e tiberianos, ainda que em quantidades pouco expressivas, situação que pode estar documentada também no NARC.

Porém, e como se pode aferir da tabela apresentada, o grosso dos materiais centra-se entre os reinados de Augusto e Cláudio. O mesmo quadro indica a escassez de vasos típicos das fases posteriores, como é o caso da cerâmica de paredes finas de produção peninsular, dos vidros e de alguma *terra sigillata*, que, ainda que estejam representados no conjunto, são pouco abundantes.

5. Discussão dos resultados

A necrópole romana identificada no NARC merece ainda ser comentada, tendo em consideração outras realidades de idêntica função e cronologia, com a respectiva chamada de atenção para as práticas funerárias evidenciadas.

Em primeiro lugar, destaca-se o número apreciável de enterramentos infantis, havendo apenas três adultos. Esta concentração de crianças inumadas não surpreende, uma vez que não é infrequente que os cemitérios romanos possuam uma área específica com esta finalidade, ainda que, outras vezes, assim não aconteça. De facto, e seguindo, também na Península Ibérica, a tradição pré-romana, as crianças recém-nascidas ou até à idade de um ano, eram frequentemente sepultadas no interior das habitações, sob os pavimentos. A chamada área ibérica é pródiga em achados deste tipo, estando as inumações no espaço doméstico documentadas, durante a Idade do Ferro, em vários sítios, como por exemplo Puig de la Misericórdia de Vinarós e Puig de la Nao de Benicarló, em Castellón, Sant Joseph de Vall de Uixó, em Alicante, Castillejo, em Teruel, Castellet de Bernabé de Liria (Calvo & alii, 1989) e La Alcudia de Elche (Olivier & Gómez, 1989). Para o território actualmente português, e ainda no que à Idade do Ferro diz respeito, cite-se o caso de Castro Marim, onde três inumações em fossa e uma em urna foram detectadas num espaço coberto, sob o respectivo pavimento (Arruda, 2005; Arruda & alii, 2009). Estas inumações sidéricas em habitações compreendem quase sempre exclusivamente recém-nascidos ou nados mortos e foram interpretadas no quadro de actividades rituais relacionadas com sacrifícios, mas também como enterramentos propriamente ditos. Por outro lado, as necrópoles pré-romanas também comportam inumações de crianças de tenra idade (até aos seis-sete anos), que não são cremadas ao contrário dos adultos (Chapa, 2001–2002), como se verificou, por exemplo em Cigarralejo, em Múrcia (Chapa, 2001–2002).

Os dados sobre enterramentos infantis

no espaço doméstico não abundam para a época romana e os que existem têm sido analisados de acordo também com a perspectiva ritual e fundacional, como é o caso de *Dianium* - Denia, Alicante (Gisbert & Sentí, 1989), Segóvia (Beltrán, 1976–1978) e Lérida (Pérez, 1998). Contudo, e como já referiu Pérez (1998, p. 199), este tipo de prática não era desconhecido em época romana, lembrando que Plínio (*N.H.*, VII, 16) referiu o hábito de enterrar em casa as crianças falecidas antes da primeira dentição, e que Fulgêncio (*Exp. Serra. Ant.*, 560, 13), já no século V, indicou que “antigamente” os enterramentos de infantes mortos antes dos 40 dias se designavam *suggrundaria*.

Em necrópoles, as crianças recém-nascidas e/ou fetos de termo, bem como outras até aos 7–8 anos, foram igualmente inumadas, em fossa ou urna (que pode adquirir uma grande variedade formal), mesmo em cemitérios em que as cremações são exclusivas. As necrópoles de Córdoba (Penco, 1998; García Matamala, 2002–2003; Vargas & Gutiérrez, 2004, 2006; García Matamala & Liébana, 2006), as de *Baelo Claudia* (Paris & alii, 1926) e *Carmo* (Bendala, 1991) são testemunho desta realidade. Na província da Lusitânia, mais concretamente em Tróia, a mesma situação foi identificada (Almeida, 2009, p. 48). A sepultura 7 corresponde a uma inumação de um recém-nascido, na fase de utilização da necrópole da Caldeira onde as incinerações são exclusivas (Almeida, 2009). Não podemos, no entanto, deixar de referir que, em alguns raros casos, foram documentadas cremações em urna de indivíduos de tenra idade, de que são exemplo as três ocorrências de Córdoba (García Matamala, 2002–2003).

Uma vez mais, as fontes clássicas iluminam esta questão, parecendo fazer sentido citar, de novo, Plínio para recordar que este afirmou que não se deve cremar um ser humano que tenha falecido antes de ter dentes (*N.H.*, VII, 15), mas também Juvenal, que escreveu “ao ver a terra cobrir uma criança demasiado jovem para a pira” (*Sat.*, XV, 139–140).

A existência de uma área cemiterial destinada exclusivamente, ou quase, a este tipo de

sepulturas, inumações de crianças, não é clara na maior parte dos casos conhecidos. Com efeito, e por exemplo, na necrópole oriental de Córdoba, os enterramentos, aqui em urna, estão entre sepulturas de adultos (García & Liébana, 2006), o mesmo se passando em Málaga (Vaquerizo, 2007) e no país valenciano (González, 2001).

No território actualmente português, parece verificar-se justamente a mesma situação, havendo dados, ainda que para cronologias já relativamente avançadas, nas necrópoles do Alto do Cidreira (Neto & Rebelo, 2007, *apud* Gonçalves, 2011), da Silveirona (Cunha, 2008), do Casal do Rebolo (Gonçalves, 2011) e de Tróia (Almeida, 2009).

Contudo, a situação inversa já foi verificada, quer em ambiente urbano quer em espaços rurais. Na necrópole da Calle Quart, em Valência, foi identificado um espaço destinado a crianças (García Prósper & Guérin, 2002), tendo a mesma hipótese sido considerada para Córdoba, mais concretamente para a necrópole de Avellano 12 (Vaquerizo, 2004). Em Punta Umbría, Huelva, uma área para enterramentos infantis ficou provada (Campos, Pérez & Vidal, 2009), situação que se verificou também no norte de África, concretamente em Thysdrus (González, 2001). Em Maiorca, cite-se os casos do túmulo de San Ferrer (Garcías & Gloaguen, 2003) e das necrópoles de Marina Gran (Guerrero, 1989) e Cas Santamarier (Rosselló & Guerrero, 1983), sítios com inumações exclusivas de crianças. Contudo, na ilha mediterrânea, outros cemitérios documentaram a existência de inumações infantis juntamente com adultos, como comprovam os casos de cueva de Son Boronat (Guerrero, 1979), Cova Monja e Son Maimó (Rosselló & Guerrero, 1983).

No NARC, dominam as crianças, o que justifica também que o número das inumações seja superior às incinerações. Os dois adultos também inumados apresentam características particulares, o que pode explicar quer o ritual funerário (a inumação) quer a localização entre as crianças. Falamos concretamente dos sinais de violência registados no indivíduo do sexo feminino da sepultura 7 e na própria posição em que foi encontrado, o que pode indiciar

Quadro 1 - Espólio:
distribuição
cronológica.

	100 a.C.	75 a.C.	50 a.C.	25 a.C.	0	25	50	75	100
Unguentários									
Tipo D									
Var. D1									
Paredes Finas									
II-A									
III									
VIII									
XII									
XIV									
XXI									
XL									
Lucernas									
Dr. 9-A									
Vidro									
Terra sigillata									
Consp. 22									
Consp. 18/19/21									
Drag. 27/29/30									
Martínez III									
Ânforas									
Maña Pascual A4									
Dressel 1A									
Maña C2a									
Haltern 70									

ausência de estatuto social. Para os restos associados à inumação 5, os dados escasseiam, não sendo assim possível interpretar a situação. A sepultura 4 é a única incineração registada, correspondendo a um adulto do sexo masculino. Os dados que atrás discutimos permitem também abordar, de forma mais fundamentada, a escassez de espólio directamente associado a estes enterramentos. Assim, lembre-se que as inumações não incluíam qualquer material arqueológico, à excepção do anel que o indivíduo da sepultura 8 tinha ainda numa das falanges.

Esta situação não deve estranhar-se, tendo em consideração a idade da grande maioria dos sepultados nesta necrópole e da possível ausência de estatuto social de um dos adultos inumados. De facto, nas necrópoles reportadas anteriormente, as sepulturas infantis raramente possuem espólio, que, quando existe, refere apenas a pequenos adornos (colares, pulseiras e anéis) e, mais raramente, a pequenos vasos (pratos) cerâmicos.

A cremação corresponde a uma situação particular, não podendo associar-se a urna

e a respectiva tampa (prato de cerâmica cinzenta) às oferendas votivas, onde cabe apenas o unguentário.

Outros materiais em relativo bom de estado de conservação poderiam ter feito parte de espólios funerários propriamente ditos, estando neste caso os restantes unguentários, três taças de paredes finas (n.ºs 3258, 3265 e 2926), cinco vasos de cerâmica cinzenta (n.ºs 3261, 3269, 3268, 2964 e 2965), uma taça de *terra sigillata* (n.º 3267) e uma de cerâmica comum (n.º 2966).

O restante espólio, reduzido a pequenos fragmentos, poderá relacionar-se com a frequência da necrópole durante as cerimónias fúnebres.

6. A necrópole do NARC e o urbanismo romano de *Olisipo*

A necrópole que aqui se estuda localizava-se numa área exterior à cidade propriamente dita. Trata-se de um espaço suburbano, facto que é, aliás, comum na esmagadora maioria das cidades romanas. Este cemitério, que corresponde, até ao momento, ao mais antigo de *Olisipo*, terá estado em funcionamento durante cerca de um século, tendo sido abandonado em torno a meados do século I. Note-se que a cronologia do final da sua utilização corresponde, exactamente, à data em que se iniciou a construção dos monumentos funerários localizados na actual Praça da Figueira (Silva, 2005) e também ao momento em que as estruturas pertencentes à fábrica de transformação e conserva de peixe foram construídas no local. Aliás, o estudo do estrato de assentamento das unidades industriais foi reconhecido como essencial para esclarecer a cronologia de construção das mesmas (Bugalhão, 2001, p. 171), até agora situado na 1.ª metade do século I. O presente estudo concretiza assim o objectivo anteriormente enunciado, permitindo precisar o momento de

implantação das unidades de transformação e conserva de peixe do NARC, na 2.ª metade do século I. Assim, tudo indica que a reestruturação urbana de *Olisipo* pode ter sido ditada pela instalação das unidades fabris instaladas nas áreas ribeirinhas, obrigando a que outros equipamentos, também obrigatoriamente localizados no exterior do *Pomerium*, fossem deslocados, como parece ser o caso do espaço funerário. Não deve esquecer-se, contudo, que a necrópole Noroeste não é comparável à do NARC, não sendo apenas o factor cronológico que as separa. A verdade é que à pobreza e simplicidade dos inumados e dos seus enterramentos detectados sob o actual edifício do Banco Millennium BCP, contrapõe-se a monumentalidade dos edifícios escavados na Praça da Figueira (Silva, 2005), o que não se justifica apenas pela diferença cronológica, nem indica a pura e simples transferência de local. É certo que os achados do NARC corresponderão, certamente, a uma pequeníssima porção do cemitério romano, para além de serem possíveis de interpretar como uma área excêntrica do mesmo, e com particularidades muito específicas, uma vez que albergaria os restos mortais de indivíduos de alguma forma excluídos socialmente. Mas somente a identificação do restante espaço funerário lançará luz sobre esta e várias outras questões.

Parece também indispensável recordar neste contexto que a necrópole do NARC se localiza nas proximidades de um troço de via, que, de qualquer forma, parece ser posterior à necrópole e não deve ser, portanto, com ela, relacionada. Efectivamente, os dados estratigráficos indicam que a via foi construída sobre a camada de areia onde as sepulturas agora estudadas foram escavadas. E parece incerto descortinar se aquela estrutura viária foi construída sobre outra, eventualmente mais antiga e, sobretudo, menos elaborada do ponto de vista das técnicas e materiais de construção.

Bibliografia citada

- ALARCÃO, Jorge; DELGADO, Manuela; MAYET, Françoise; ALARCÃO, Adília; PONTE, Salette da (1976) - *Fouilles de Conimbriga, VI: céramiques diverses et verres*. Paris: De Boccard.
- ALMEIDA, João (2009) - *A necrópole romana da Caldeira, Tróia de Setúbal: escavações de Manuel Heleno nas décadas de 40–60 do século XX*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Edição policopiada.
- ALMEIDA, Rui Roberto (2008) - *Las ánforas del Guadalquivir en Scallabis (Santarém, Portugal): aportación al conocimiento de los tipos minoritarios*. Barcelona: Universitat.
- AMARO, Clementino, ed. (1995) - *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Fundação Banco Comercial Português.
- AMARO, Clementino; BUGALHÃO, Jacinta; SABROSA, Armando (1996) - Complexo fabril romano na Rua Augusta: notícia preliminar. In FILIPE, Graça; RAPOSO, Jorge, eds. - *Ocupação romana dos estuários do Tejo e Sado*. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal; Publicações Dom Quixote, pp. 199–214.
- ANDERSON, Virginia R. (1987) - The chronology and function of ceramic unguentaria. *American Journal of Archaeology*. Boston, MA. 91:1, pp. 105–122.
- ARRUDA, Ana Margarida (1999–2000) - *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.
- ARRUDA, Ana Margarida (2000) - As cerâmicas de importação do Castelo de Castro Marim no âmbito do comércio ocidental dos séculos V e III a.C. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Universidad, pp. 727–735.
- ARRUDA, Ana Margarida (2005) - O 1.º milénio a.C. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 23, pp. 9–156.
- ARRUDA, Ana Margarida (2006) - *Laccobriga. A ocupação romana da baía de Lagos*. Lagos: Câmara Municipal.
- ARRUDA, Ana Margarida; ALMEIDA, Rui Roberto (1998) - As ânforas da Classe 32 da Alcáçova de Santarém (campanhas de 1983–1991). *Conimbriga*. Coimbra. 37, pp. 201–231.
- ARRUDA, Ana Margarida; ALMEIDA, Rui Roberto (2005) - As ânforas de tipo Mañá C em Portugal. In *Atti del V Congreso Internazionale di Studi Fenici e Punici*. Palermo: Università degli Studi di Palermo, pp. 1319–1329.
- ARRUDA, Ana Margarida; BARGÃO, Patrícia; CARRETERO POBLETE, Pedro; FREITAS, Vera; LOURENÇO, Pedro; OLIVEIRA, Carlos (2009) - Castro Marim: um santuário na foz do Guadiana. In MATEOS CRUZ, Pedro; CELESTINO PÉREZ, Sebastián; Pizzo, Antonio; Tortosa, Trinidad, eds. - *Santuarios, oppida y ciudades: arquitectura sacra en el origen y desarrollo urbano del Mediterráneo Occidental*. Mérida: Instituto de Historia del CSIC, pp. 79–88.
- ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa (2003) - Cerâmica de paredes finas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, pp. 235–286.
- ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa; LOURENÇO, Pedro (2010) - A necrópole romana de Monte Molião (Lagos). *Xelb. Silves*. 10, pp. 267–283.
- ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; BARGÃO, Patrícia (2005) - As ânforas da Bética costeira da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 279–297.
- ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; BARGÃO, Patrícia (2006) - Ânforas lusitanas da Alcáçova de Santarém. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 13, pp. 223–252.
- ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; BARGÃO, Patrícia; Pereira, Raul (2006) - A importação de preparados de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à Época Romana. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 13, pp. 153–176.
- BELTRÁN LLORIS, Miguel (1976–1978) - Enterramientos infantiles en el poblado ibérico de La Romana. *Ampurias*. Barcelona. 38–40, pp. 307–315.
- BENDALA GALÁN, Manuel (1995) - Necrópolis y ritual funerário en la Hispania altoimperial. In FÁBREGAS VALCARCE, Ramón, ed. - *Arqueología da morte na Península Ibérica desde as origens até o Medieval*. Xizna de Lima: Ayuntamiento, pp. 277–290.
- BOLILA, Catarina (2011) - *A terra sigillata de tipo itálico da Praça da Figueira (Lisboa)*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Edição policopiada.
- BUGALHÃO, Jacinta (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 15).
- BUGALHÃO, Jacinta; DUARTE, Cidália (1996) - Uma necrópole na praia (elementos sobre os primeiros tempos de ocupação romana de Olisipo). In *II Congreso de Arqueología Peninsular. Libro Guía*. Zamora: Fundación Rei afonso Henriques, p. 85.
- BUIKSTRA, Jane; UBELAKER, Douglas, eds. (1994) - *Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History*. Fayetteville: Arkansas Archaeological Survey (Research Series, 44).
- GUERIN, Pierre; CALVO GÁLVEZ, Matías; GRAU ALMERO, Elena; GUILLÉN CATAYUD, Pere M. (1989) - Tumbas infantiles en el Castellet de Bernabé (Liria Valência). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense*. Castelló. 14, pp. 63–75.
- CAMPOS CARRASCO, Juan Manuel; PERÉZ MACIAS, Juan Aurelio; VIDAL TERUEL, Nuria de la O (1999) - El Eucaliptal: una necropolis romana de pescadores (Punta Umbria, Huelva). *Huelva en su Historia*. Huelva. 7, pp. 195–232.
- CHAPA BRUNET, Teresa (2001–2002) - La infancia en el mundo ibérico a través de las necropolis de El Cigarralejo (Mula, Murcia). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. 16–17, pp. 159–170.
- CUNHA, Mélanie (2008) - *As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz): do mundo funerário romano à Antiguidade Tardia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- DELGADO, Manuela (1971) - Cerâmica campaniense em Portugal. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Coimbra: Ministério de Educação Nacional, Junta Nacional de Educação. Vol. 2, pp. 403–420.

- DIOGO, António M. Dias; SEPÚLVEDA, Eurico de (2000) - As lucernas das escavações de 1983/93 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3: 1, pp. 153–161.
- FABIÃO, Carlos (1999) - *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território português*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 Volumes. Edição policopiada.
- FAZEKAS, István Gyula; KOSA, Ferenc (1978) - *Forensic fetal osteology*. Budapest: Akadémiai Kiadó.
- FERNANDES, Maria Amélia (1995) - Ficha de catálogo n.º 23. In *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios*. Lisboa: Fundação Banco Comercial Português, p. 33.
- FILIPPE, Graça; RAPOSO, Jorge Manuel C., eds. (1995) - Debates e Conclusões. In *Ocupação Romana dos estuários de Tejo e do Sado*. Lisboa/Seixal: Publicações Dom Quixote/Câmara Municipal do Seixal, pp. 399–420.
- GARCÍA MATAMALA, Begoña (2002–2003) - Enterramientos de tradición indígena en Corduba. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba. 13–14, pp. 251–258.
- GARCÍA MATAMALA, Begoña; LIÉBANA MÁRMOL, Jose Luis (2006) - Inhumaciones infantiles de tradición indígena en un sector de la necrópolis oriental de Corduba. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba. 17, pp. 99–104.
- GARCÍA PRÓSPER, Elisa; GUÉRIN, Pierre (2002) - Nuevas aportaciones en torno a la necropolis romana de la calle Quart de Valencia (S. II a.C.–IV d.C.). In *Actas del Congreso Internacional Espacios y usos funerarios en el Occidente Romano*. Córdoba: Universidad, pp. 203–216.
- GARCÍA VARGAS, Enrique; ALMEIDA, Rui Roberto; GONZÁLEZ CESTEROS, Horacio (2011) - Los tipos anfóricos del Guadalquivir en el marco de los envases hispanos del siglo I a.C.: un universo heterogéneo entre la imitación y la estandarización. *Spal*. Sevilla. 20, pp. 185–283.
- GARCÍAS MAAS, María del Pilar; GLOAGUEN MURIAS, Emmanuelle (2003) - Los enterramientos infantiles en el túmulo de son Ferrer (Calvià, Mallorca): una primera aproximación. *Mayurqa*. Palma de Mallorca. 29, pp. 269–280.
- GISBERT SANTONJA, Josep Antoni; SENTÍ RIBES, Maria Assumpció (1989) - Enterramientos infantiles fundacionales en el “Edificio Horreum” y “Edificio Occidental” del yacimiento romano de Dianium (Denia, Alicante). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense*. Castelló. 14, pp. 95–126.
- GONÇALVES, Alexandre Marques (2011) - *A necrópole romana do Casal Reboio (Almargem do Bispo, Sintra)*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Edição policopiada.
- GONÇALVES, David; DUARTE, Cidália; COSTA, Cláudia; MURALHA, João; CAMPANACHO, Vanessa; COSTA, Ana Maria; ANGELUCCI, Diego E. (2010) - The Roman cremation burials of Encosta de Sant’Ana (Lisbon). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 13, pp. 125–144.
- GONZÁLEZ VILLAESCUA, Ricardo (2001) - *El mundo funerario romano en el País Valenciano: monumentos funerarios y sepulturas entre los siglos I a.C.–VII d.C.* Madrid: Casa de Velázquez; Alicante: Instituto Alicantino de Cultura “Juan Gil-Albert”.
- GUERIN, Pierre; MARTÍNEZ VALLE, Rafael (1987–1988) - Inhumaciones infantiles en poblados ibéricos del área valenciana. *Saguntum*. Valencia. 21, pp. 231–265.
- GUERRERO AYUSO, Victor M. (1979) - El yacimiento funerario de Son Boronat (Calvià-Mallorca). *Boletín de la Sociedad Arqueológica Luliana*. Palma de Mallorca. 37, pp. 1–50.
- GUERRERO AYUSO, Victor M. (1989) - Posibles sacrificios infantiles en la cultura talayótica de Mallorca. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses*. Castelló. 14, pp. 191–209.
- ISINGS, Clasina (1957) - *Roman glass from dated finds*. Groningen/Djakarta: J. B. Wolters.
- KROGMAN, Wilton Marion; İŞCAN, Mehmet Yaşar (1986) - *The human skeleton in forensic medicine*. Springfield, IL: Charles C. Thomas.
- LÓPEZ MULLOR, Albert (1981) - *Las cerámicas romanas de paredes finas en Cataluña*. Barcelona: Diputació.
- MARTÍNEZ RODRÍGUEZ, Federico (1989) - Las cerámicas béticas de imitación tipo Peñafior: bases para el estudio de un nuevo grupo cerámico de época altoimperial. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. Madrid. 26, pp. 60–65.
- MAYET, Françoise (1975) - *La céramique à parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Bordeaux: Centre Pierre/CNRS.
- MOITA, Irisalva (1968) - Achados da época romana no subsolo de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa. 19:116–117, pp. 33–71.
- MORAIS, Rui; FABIÃO, Carlos (2007) - Novas produções de fabrico lusitano: problemáticas e importância económica. In *Cetariae 2005. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad*. Oxford: Archaeopress, pp. 127–133.
- NOLAN, Jeannette (1994) - *Cerâmicas e vidros de Torre d’Ares*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- OLIVIER FOIX, Arturo; GÓMEZ BELLARD, Francisco (1989) - Nuevos enterramientos infantiles ibéricos de inhumación. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense*. Castelló. 14, pp. 51–61.
- PARIS, Pierre; BONSOR, George; LAUMONIER, Alfred; RICARD, Robert; MERGELINA, Cayetano de (1926) - *Fouilles de Belo (Bologna, Province de Cádiz) (1917–1921), Tome 2. La nécropole*. Paris: De Boccard.
- PASSELAC, Michel (1993) - Céramique à parois fines. In *Dictionnaire des céramiques antiques en Méditerranée nord-occidentale*. Provence, Languedoc, Ampurdan (Lattara, 6), pp. 511–521.
- PEACOCK, David P. S.; WILLIAMS, David F. (1986) - *Amphorae and the Roman economy: an introductory guide*. London: Longman.
- PENCO VALENZUELA, Fernando (1998) - Un conjunto de libertos y esclavos de época altoimperial excavado en la calle el Avellano, n.º 12 de Córdoba. Una nueva aportación a Colonia Patricia Corduba. *Antiquitas*. Córdoba. 9, pp. 61–77.
- PEREIRA, Carlos (2008) - *As lucernas romanas de Scallabis*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Volumes. Edição policopiada.
- PÉREZ ALMOGUERA, Arturo (1998) - Tres casos de rituales fundacionales o propiciatorios en construcciones domésticas en el Alto Imperio romano. ¿latinidad o indigenismo?. *Arys*. Huelva. 1, pp. 195–206.

- PIMENTA, João (2005) - *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- PRIEUR, Jean (1980) - *La mort dans l'antiquité romaine*. Paris: Ouest-France.
- PY, Michel (1993) - Unguentariums. In *Dictionnaire des céramiques antiques (VIIe s. av.n.e. – VII s. de n. e.) en Méditerranée nord-occidentale. Provence, Languedoc, Ampurdan*. Lattes: Association pour le Développement de l'Archéologie en Languedoc-Roussillon, pp. 581–584.
- RAMON TORRES, Joan (1995) - *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental*. Barcelona: Universitat.
- ROSSELLÓ BORDOY, Guillermo; GUERRERO AYUSO, Victor M. (1983) - La Necrópolis infantil de Cas Santamarier (Son Oms). *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid. 15, pp. 407–448.
- SÁNCHEZ SÁNCHEZ, María Ángeles (1995) - Producciones importadas en la vajilla culinaria romana del Bajo Guadalquivir. In *Ceràmica comuna romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió*. Empuries: Museu d'Arqueologia de Catalunya, pp. 251–281.
- SCHEUER, Louise; BLACK, Sue (2000) - *Developmental juvenile osteology*. New York, NY: Academic Press.
- SEPÚLVEDA, Eurico de; SOUSA, Elisa; FÁRIA, João Carlos; FERREIRA, Marisol (2001) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 2: 'cerâmicas de verniz negro' e cinzentas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 19, pp. 199–234.
- SILVA, Rodrigo Banha da (1999) - Urbanismo de Olisipo: a zona ribeirinha. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático "Lisboa Ribeirinha" (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*. Lisboa: Câmara Municipal, pp. 43–65.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2005) - *As "marcas de oleiro" em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (século I a.C.–século II d.C.)*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho. Edição policopiada.
- SOUSA, Elisa (2011) - *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo durante a 2.ª metade do 1.º milénio a.C.* Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- UBELAKER, Douglas H. (1989) - *Human skeletal remains. Excavation, analysis and interpretation*. Washington: Taraxacum.
- VAQUERIZO GIL, Desiderio, ed. (2001) - *Funus cordubensium: costumbres funerarias en la Córdoba romana*. Córdoba: Universidad.
- VAQUERIZO GIL, Desiderio (2004) - *Immaturi et innupti*. Barcelona: Universidad.
- VAQUERIZO GIL, Desiderio (2007) - El mundo funerario en la Malaca romana: estado de la cuestión. *Mainake*. Málaga. 29, pp. 377–399.
- VARGAS CANTOS, Sonia; GUTIÉRREZ DEZA, María Isabel (2004) - Un ejemplo de los usos y costumbres funerarias de la Córdoba romana a través de un conjunto de tumbas de la necrópolis de la Avenida del Corregidor (Córdoba). *Anales de la Arqueología Cordobesa*. Castelló. 15, pp. 309–328.
- VARGAS CANTOS, Sonia; GUTIÉRREZ DEZA, María Isabel - (2006) - La necrópolis romana de la Avenida del Corregidor de Córdoba. *Anales de la Arqueología Cordobesa*. Córdoba. 17, pp. 259–278.
- VIEGAS, Catarina (2006) - Castro Marim no Período Romano. *Xelb. Silves*. 6:1, pp. 241–260.
- VIEIRA, Vasco Alexandre Correia Noronha (2011) - *As lucernas romanas da Praça da Figueira (Lisboa): Contributo para o conhecimento de Olisipo*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Edição policopiada.